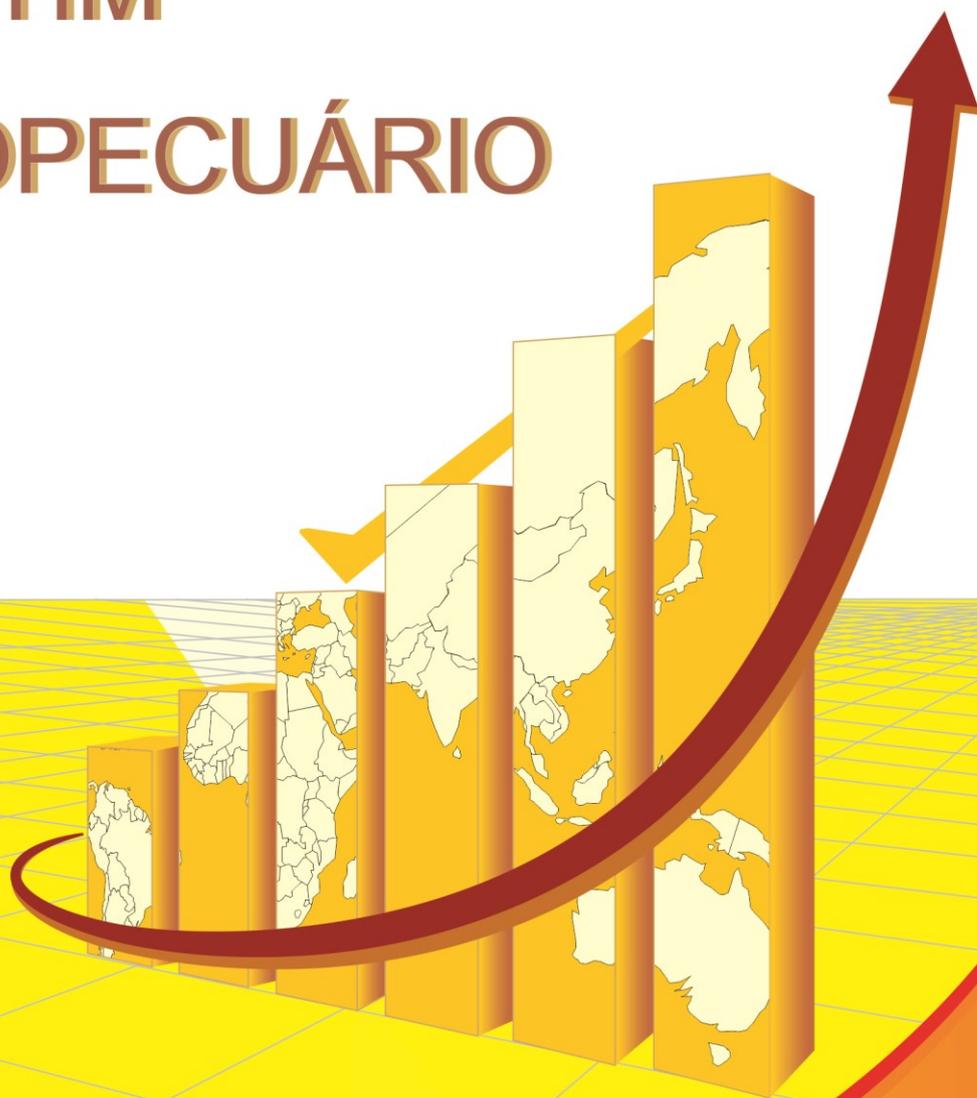


# BOLETIM AGROPECUÁRIO





**Governador do Estado**  
Carlos Moisés da Silva

**Secretário de Estado da Agricultura e da Pesca**  
Ricardo de Gouvêa

**Presidente da Epagri**  
Edilene Steinwandter

**Diretores**

Ivan Luiz Zilli Bacic  
Desenvolvimento Institucional

Giovani Canola Teixeira  
Administração e Finanças

Vagner Miranda Portes  
Ciência, Tecnologia e Inovação

Humberto Bicca Neto  
Extensão Rural e Pesqueira

**Gerente do Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa)**  
Renev Dorow



DOCUMENTOS Nº 292

# Boletim Agropecuário

**Autores desta edição**

Alexandre Luís Giehl  
Glaucia de Almeida Padrão  
Haroldo Tavares Elias  
João Rogério Alves  
Jurandi Teodoro Gugel  
Rogério Goulart Júnior  
Tabajara Marcondes



Florianópolis

2019

**Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri)**

Rodovia Admar Gonzaga, 1347, Itacorubi, Caixa Postal 502

88034-901 Florianópolis, SC, Brasil

Fone: (48) 3665-5000

Site: [www.epagri.sc.gov.br](http://www.epagri.sc.gov.br)

E-mail: [epagri@epagri.sc.gov.br](mailto:epagri@epagri.sc.gov.br)

**Editado pelo Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa)**

Rodovia Admar Gonzaga, 1486, Itacorubi

88034-901 Florianópolis, SC, Brasil

Fone: (48) 3665-5078

Site: <http://cepa.epagri.sc.gov.br/>

E-mail: [online@epagri.sc.gov.br](mailto:online@epagri.sc.gov.br)

**Coordenação:** Tabajara Marcondes – Epagri/Cepa

**Revisão técnica:** Léo Teobaldo Kroth – Epagri/Cepa

**Colaboração:**

Andressa Mariani Bee – Caçador (UGT 10)

Bruna Parente Porto – Florianópolis (UGT 7)

Cleverson Buratto – Tubarão (UGT 8)

Édila Gonçalves Botelho – Epagri/Cepa

Elvys Taffarel – São Miguel do Oeste (UGT 9)

Evandro Uberdan Anater – Joaçaba (UGT 2)

Getúlio Tadeu Tonet – Canoinhas (UGT 4)

Gilberto Luiz Curti – Chapecó (UGT 1)

João Claudio Zanatta – Lages (UGT 3)

Maurício E. Mafra – Ceasa/SC

Nilsa Luzzi – Jaraguá do Sul (UGT 6)

Saturnino Claudino dos Santos – Rio do Sul (UGT 5)

Sidaura Lessa Graciosa – Epagri/Cepa

**Edição:** maio de 2019 – (*on-line*)

É permitida a reprodução parcial deste trabalho desde que citada a fonte.

**Ficha Catalográfica**

EPAGRI/CEPA. Boletim Agropecuário. Maio/2019.  
Florianópolis, 2019, 49p. (Epagri. Documentos, 292).

Publicação iniciada em maio/2014 (nº de 1 – 70). Em  
abril/2019 passou a integrar a série Documentos com  
numeração própria.

Análise de mercado; safras; conjuntura.

ISSN: 0100-8986

## APRESENTAÇÃO

O Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa), unidade de pesquisa da Epagri, tem a satisfação de disponibilizar o Boletim Agropecuário on-line. Ele reúne as informações conjunturais de alguns dos principais produtos agropecuários do estado de Santa Catarina.

O objetivo deste documento é apresentar, de forma sucinta, as principais informações conjunturais referentes ao desenvolvimento das safras, da produção e dos mercados para os produtos selecionados. Para isso, o Boletim Agropecuário contém informações referentes à última quinzena ou aos últimos 30 dias. Em casos esporádicos, a publicação poderá conter séries mais longas e análises de eventos específicos. Além das informações por produto, eventualmente poderão ser divulgados neste documento textos com análises conjunturais que se façam pertinentes e oportunas, chamando a atenção para aspectos não especificamente voltados ao mercado.

O Boletim Agropecuário pretende ser uma ferramenta para que o produtor rural possa vislumbrar melhores oportunidades de negócios. Visa, também, fortalecer sua relação com o mercado agropecuário por meio do aumento da competitividade da agricultura catarinense.

Esta publicação está disponível em arquivo eletrônico no site da Epagri/Cepa, <http://www.cepa.epagri.sc.gov.br/>. Podem ser resgatadas também as edições anteriores.

**Edilene Steinwandter**  
Presidente da Epagri

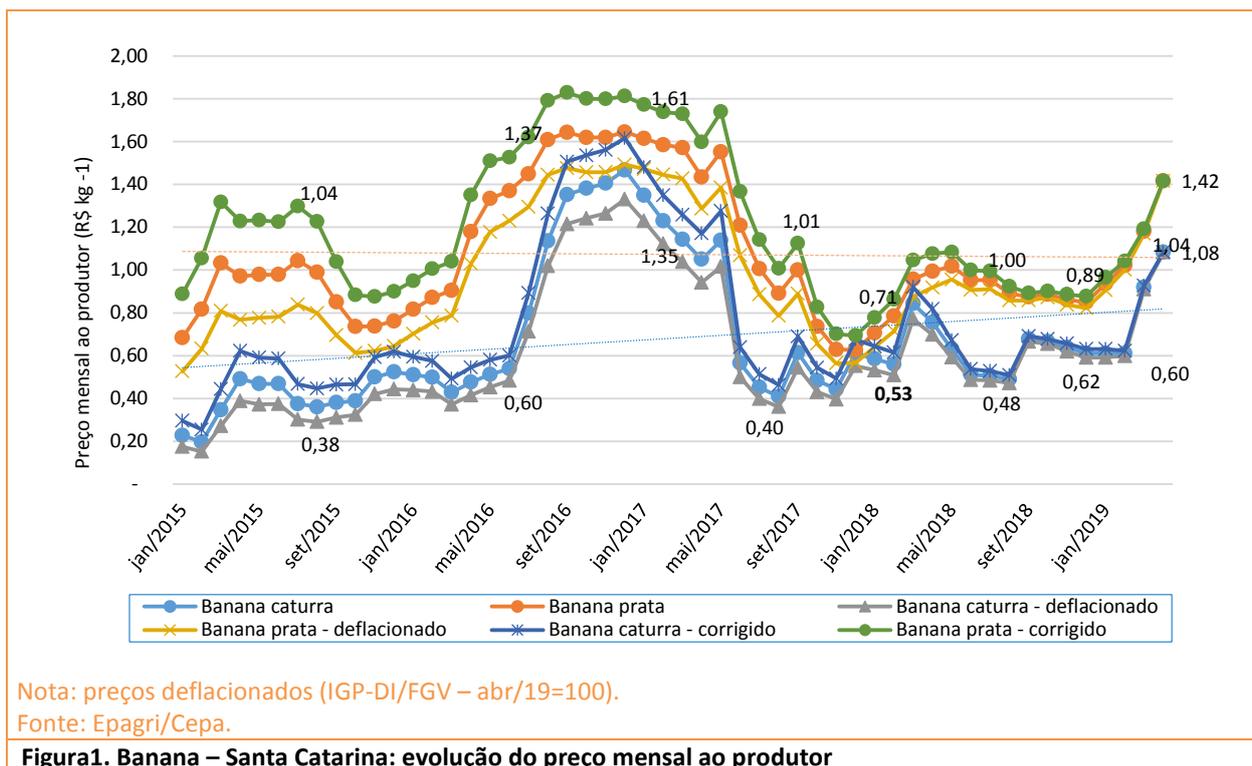
## Sumário

<b>Fruticultura</b> .....	7
Banana .....	7
<b>Grãos</b> .....	11
Arroz .....	11
Feijão .....	13
Milho.....	16
Soja .....	19
Trigo.....	21
<b>Hortaliças</b> .....	23
Alho.....	23
Cebola .....	26
<b>Pecuária</b> .....	29
Avicultura.....	29
Bovinocultura .....	35
Suinocultura.....	40
Leite .....	47

## Fruticultura

### Banana

Rogério Goulart Junior  
Economista, Dr. - Epagri/Cepa  
[rogeriojunior@epagri.sc.gov.br](mailto:rogeriojunior@epagri.sc.gov.br)



Em abril de 2019 a cotação da banana-caturra valorizou 18,9% em relação ao mesmo mês do ano anterior, o que reflete o aumento da demanda relativa devido à baixa oferta das frutas de outras regiões brasileiras no mercado. No 1º quadrimestre de 2019 houve valorização de 83,1% nos preços da banana-caturra, com a melhoria da qualidade da fruta nos bananais. No comparativo entre abril de 2018 e 2019, os preços deflacionados indicam valorização de 55,1% nas cotações, com expectativa de um semestre com preços ao produtor melhores que os do ano anterior. A estratégia dos produtores foi escoar a oferta dos primeiros meses para a exportação, como forma de recuperar as cotações com redução da oferta interna da fruta. No entanto, há expectativa de aumento da produção a partir do próximo mês, com pressão de baixa nos preços.

As cotações da banana-prata mantêm a tendência, com valorização de 21% entre março e abril de 2019. Nos quatro primeiros meses de 2019 houve valorização de 56,4% nos preços da fruta do grupo prata, com oferta controlada da fruta nos bananais e melhoria na qualidade. Nos últimos 12 meses, houve valorização de 54,3% nas cotações, devido ao aumento da demanda interna e menor oferta mensal que em abril de 2018. Com a baixa oferta da banana-prata em outras regiões do país, a expectativa é a manutenção de cotações valorizadas durante o mês de maio de 2019.

**Tabela 1. Banana – Santa Catarina: preço médio ao produtor (R\$. kg<sup>-1</sup>) nas principais praças – 2019**

Praça	Mês				Var. (%) Abr. / Mar.
	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	
<b>Jaraguá do Sul</b>					
Caturra	0,39	0,40	1,14	1,09	<b>-4,4</b>
Prata	0,68	0,79	1,18	1,17	<b>-0,8</b>
<b>Sul Catarinense</b>					
Caturra	0,84	0,84	0,88	1,30	<b>47,7</b>
Prata	1,14	1,16	1,42	1,96	<b>38,0</b>

Nota: Valores em R\$ por cx. 20 a 22 kg transformados em R\$.kg<sup>-1</sup>.

Fonte: Epagri/Cepa e Conaban.

No Norte Catarinense, houve redução na oferta com a antecipação da colheita dos cachos no final de 2018, devido as temperaturas acima da média do período, o que reflete em volumes menores no mês de março. O aumento das exportações no 1º trimestre de 2019 escoou parte da produção e valorizou as cotações entre fevereiro e março. Entre março e abril, o aumento na oferta pressionou a desvalorização nos preços da fruta. A expectativa é que a melhoria na qualidade, com aumento de calibre e redução do *chilling*, possa recuperar as cotações nos próximos meses.

No Sul Catarinense, a valorização nos preços elevou os preços médios estaduais de banana. A menor oferta pressiona a valorização nas cotações da fruta na região e os reflexos na melhoria da qualidade dos cachos colhidos já garantem melhor preço nos bananais. A expectativa é a manutenção dos preços, mesmo com a concorrência de frutas da estação, pois os estoques ainda estão baixos no mercado atacadista, o que deixa a demanda aquecida pela fruta nos bananais.

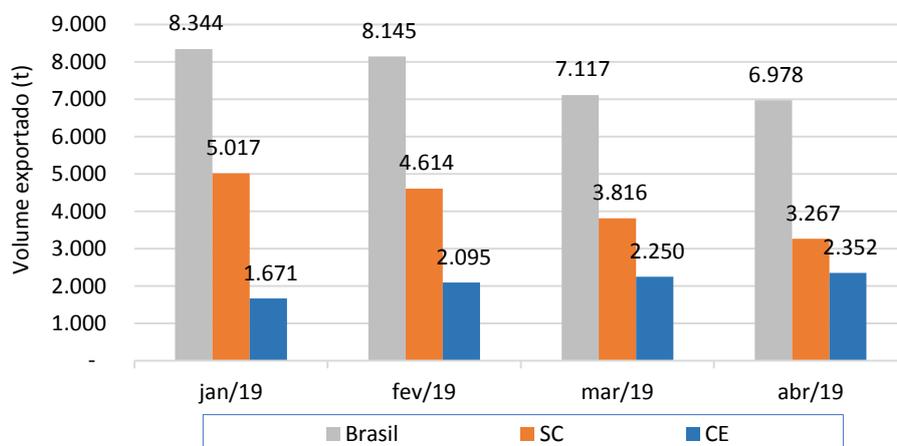
**Tabela 2. Banana – Santa Catarina: preço médio no atacado (R\$.kg<sup>-1</sup>) nas principais praças – 2019**

Praça	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Var. (%) Abr. / Mar.
<b>Florianópolis (Ceasa)</b>					
Caturra	1,18	1,19	1,37	1,84	<b>34,3</b>
Prata	1,42	1,43	1,93	2,57	<b>33,2</b>
<b>Jaraguá do Sul</b>					
Caturra	0,94	0,95	1,51	1,83	<b>21,2</b>
Prata	1,67	1,90	2,15	2,39	<b>11,2</b>
<b>Sul Catarinense</b>					
Caturra	1,21	1,22	1,31	1,72	<b>31,3</b>
Prata	1,52	1,52	1,84	2,38	<b>29,3</b>

Nota: Valores em R\$ por cx. 18 a 20 kg transformados em R\$.kg<sup>-1</sup>.

Fonte: Epagri/Cepa e Conaban.

No atacado, o aumento da comercialização de frutas sazonais manteve os estoques de banana reduzidos nas centrais de abastecimento, mas a demanda reprimida pela fruta e a melhoria na qualidade em comparação ao 1º trimestre mantiveram as cotações valorizadas. A tendência é que o aumento da oferta da fruta provoque uma redução nos preços. No entanto, a expectativa de melhoria na qualidade pode segurar essa desvalorização nas cotações.



Fonte: Comex Stat/MDIC.

**Figura 2. Banana – Volume brasileiro exportado e principais estados exportadores – 1º quadrimestre de 2019**

No 1º quadrimestre de 2019, os valores negociados de banana exportada foram 15% maiores que os do mesmo período do ano anterior. No período, o estado de Santa Catarina participou com 45,8% do valor negociado, seguido do Ceará com 38% dos valores da exportação brasileira. Em termos de volumes, os quatro primeiros meses representaram volumes 54% superiores aos comercializados, no período, em 2018. O estado catarinense participou com 54,6% do volume exportado brasileiro (16,7 mil toneladas) e o estado cearense com 27,4% do volume (8,3 mil toneladas) em 2019. Com a maior quantidade exportada em janeiro, entre janeiro e abril de 2019 os volumes exportados brasileiros apresentaram taxa decrescente de 5,8% ao mês.

**Tabela 3. Banana – Preço médio ao produtor (R\$.kg<sup>-1</sup>)\* nas principais praças do Brasil – 2019**

Praça	Fevereiro	Março	Abril	Varição (%) Abr. / Mar.
<b>Bom Jesus da Lapa (BA)</b>				
Nanica	1,14	1,50	1,18	<b>-21,8</b>
Prata	1,96	1,95	1,97	<b>1,2</b>
<b>Norte de Minas Gerais (MG)</b>				
Nanica	1,08	1,40	1,13	<b>-19,6</b>
Prata	1,78	1,80	2,10	<b>16,7</b>
<b>Vale do Ribeira (SP)</b>				
Nanica	1,13	1,64	1,41	<b>-14,5</b>
Prata	1,55	1,66	1,86	<b>12,0</b>
<b>Vale do São Francisco (BA e PE)</b>				
Nanica	-	-	-	<b>...</b>
Prata	1,66	1,76	1,69	<b>-4,0</b>

(\*Preço médio mensal em R\$.kg<sup>-1</sup>).

Fonte: Epagri/Cepa adaptado de CEPEA/Esalq/USP.

Nas regiões produtoras do Sudeste, houve valorização nas cotações da banana-prata com a melhoria na qualidade da fruta e aumento sazonal da demanda interna. Já a banana-nanica, que iniciou o ano com baixa oferta, reverteu a tendência dos preços com desvalorização em todas as praças. O aumento da oferta nos bananais e frutas com baixa qualidade em função da estiagem foram os principais fatores que reduziram as cotações no período.

**Tabela 4. Banana – Santa Catarina: comparativo de 2017 em relação às estimativas de 2018 e 2019**

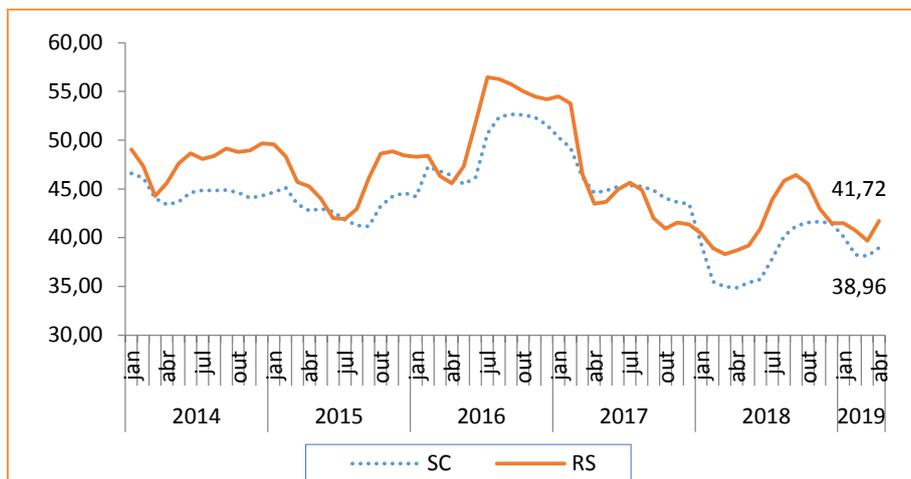
Santa Catarina - Principais MRG com cultivo de Banana	2017			Estimativa 2018			Estimativa 2019			Variação (%) 2018/17		
	Área colhida (ha)	Produção (t)	Rend. Médio (kg.ha <sup>-1</sup> )	Área colhida (ha)	Produção (t)	Rend. Médio (kg.ha <sup>-1</sup> )	Área colhida (ha)	Produção (t)	Rend. Médio (kg.ha <sup>-1</sup> )	Área colhida	Quant. Prod.	Rend. Médio
Blumenau	4.254	<b>132.710</b>	31.197	4.176	<b>129.050</b>	<b>30.903</b>	4.259	<b>129.825</b>	<b>30.479</b>	-1,8	-2,8	-0,9
Itajaí	3.875	<b>110.328</b>	28.472	3.882	<b>113.312</b>	<b>29.189</b>	3.882	<b>113.991</b>	<b>29.365</b>	0,2	2,7	2,5
Joinville	12.714	<b>349.703</b>	27.505	12.044	<b>354.005</b>	<b>29.393</b>	12.285	<b>356.129</b>	<b>28.990</b>	-5,3	1,2	6,9
Araranguá	5.084	<b>81.266</b>	15.985	5.426	<b>80.510</b>	<b>14.837</b>	5.535	<b>82.349</b>	<b>14.878</b>	6,7	-0,9	-7,2
Criciúma	1.339	<b>32.730</b>	24.444	1.346	<b>23.734</b>	<b>17.637</b>	1.346	<b>26.686</b>	<b>19.831</b>	0,5	-27,5	-27,8
Tubarão	71	<b>570</b>	8.028	76	<b>690</b>	<b>9.115</b>	76	<b>688</b>	<b>9.097</b>	6,6	21,0	13,5
Outras	1.038	<b>24.903</b>	23.991	992	<b>18.496</b>	<b>18.637</b>	992	<b>18.459</b>	<b>18.600</b>	-4,4	-25,7	-22,3
<b>Total</b>	<b>28.375</b>	<b>732.210</b>	<b>25.805</b>	<b>28.442</b>	<b>719.797</b>	<b>25.308</b>	<b>28.375</b>	<b>728.128</b>	<b>25.661</b>	<b>0,2</b>	<b>-1,7</b>	<b>-1,9</b>

Fonte: Epagri/Cepa.

# Grãos

## Arroz

Gláucia Padrão  
Economista, Dr<sup>a</sup>. – Epagri/Cepa  
[glauciapadrao@epagri.sc.gov.br](mailto:glauciapadrao@epagri.sc.gov.br)

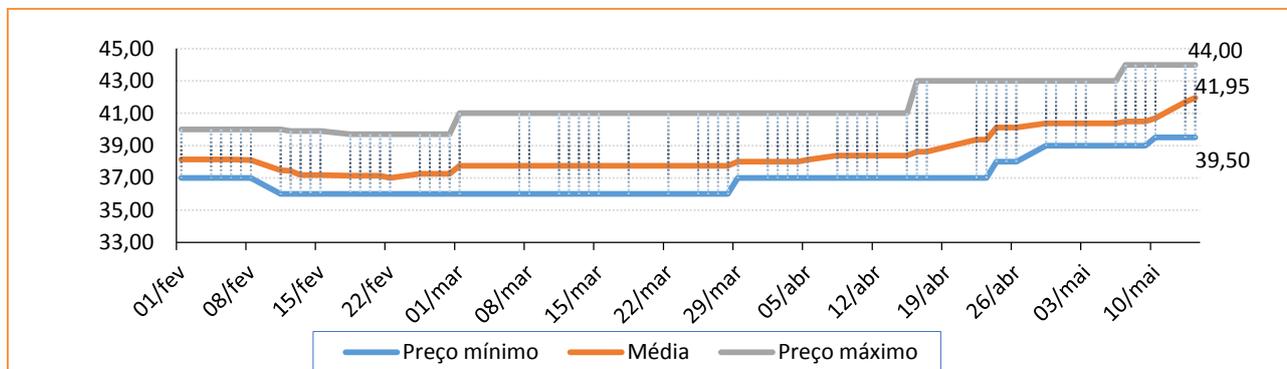


Fonte: Epagri/Cepa. e Cepea (RS).

**Figura 3. Arroz irrigado – Evolução do preço médio real mensal ao produtor – Santa Catarina e Rio Grande do Sul (Jan./2014 a Abr./2019) – R\$/sc 50kg**

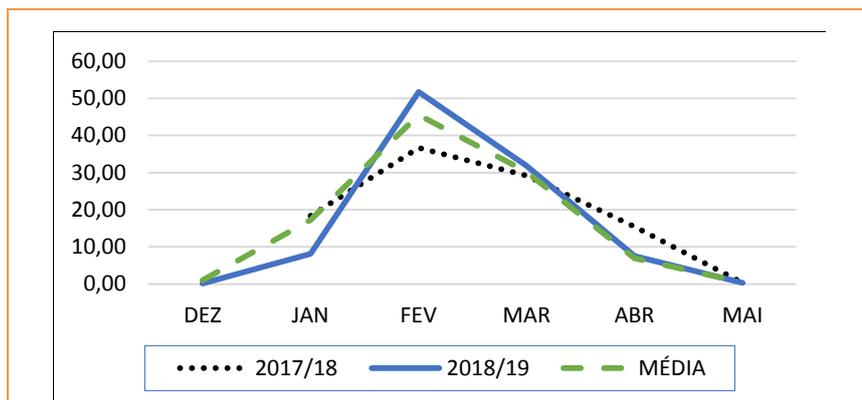
Os preços do arroz em casca apresentaram leve recuperação em abril. A expectativa de uma safra 11% menor para o país e o andamento da colheita, que vem apontando produtividades médias menores em relação à safra 2017/18, são as principais explicações para este comportamento. No Rio Grande do Sul, o preço médio do mês fechou em R\$ 41,72 a saca de 50kg, o que representa um aumento de 5,18% em relação à março de

2019. Em Santa Catarina, o aumento foi mais tímido, mas significativo: 2,25% em relação ao mês passado, fechando em R\$ 38,96 o saca de 50kg. Analisando a evolução diária do preço mínimo, médio e máximo dos meses de fevereiro a maio, observa-se que os preços podem apresentar diferenças de até R\$ 4,00, a depender da região e qualidade do produto. Assim, a amplitude dos preços no estado foi de R\$ 39,50 a R\$ 44,00 a saca de 50 kg. Observa-se, ainda, que os produtores com capacidade de estocagem e sem necessidade de fazer caixa estão segurando a produção na expectativa de que os preços aumentem. Com relação à comercialização, até o final de abril, historicamente, cerca de 73% da safra é comercializada. Até o final da colheita, final de maio, quase 80% da produção deverá ser comercializada, e o restante fica armazenado para comercialização até o final do ano, na busca por melhores preços ou diante da necessidade do produtor em capitalizar.



Fonte: Epagri/Cepa.

**Figura 4. Arroz irrigado – Santa Catarina e Rio Grande do Sul: evolução do preço médio real mensal ao produtor – (jan./2014 a abr./2019) – R\$/sc 50kg**



Fonte: Epagri/Cepa.

**Figura 5. Arroz irrigado – Santa Catarina: comparativo da evolução do % de colheita (safra 2017/18, 2018/19 e média dos últimos seis anos)**

A colheita do arroz no estado encontra-se em estágio final. Ao todo cerca de 82% da área semeada já foi colhida. Nas microrregiões de Joinville, Itajaí e Criciúma a colheita da safra principal encontra-se estatisticamente encerrada, restando apenas áreas de soca a serem colhidas. Em todas as regiões produtoras do estado as chuvas ocorridas nas últimas semanas prejudicaram o andamento da colheita, mas esta já voltou à normalidade após a

trégua das chuvas. Na comparação com as safras passadas, observa-se que o andamento da colheita segue ritmo normal, sem atrasos. As lavouras estão se desenvolvendo normalmente, com 91,85% encontrando-se em ótima condição, enquanto 8,15% apresentam condição média ou ruim no campo.

**Tabela 5. Arroz irrigado – Santa Catarina: comparativo – Safra 2017/18 e 2018/19**

Microrregião	Safra 2017/18			Safra 2018/19 – Estimativa atual			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	51.530	404.001	7.840	51.530	387.828	7.526	0,00	-4,00	-4,00
Blumenau	8.356	67.345	8.059	8.222	66.122	8.042	-1,60	-1,82	-0,22
Criciúma	20.857	162.944	7.812	20.813	150.449	7.229	-0,21	-7,67	-7,47
Florianópolis	2.660	17.336	6.517	1.950	13.560	6.954	-26,69	-21,78	6,70
Itajaí	9.111	73.128	8.026	9.196	74.924	8.147	0,93	2,46	1,51
Ituporanga	277	2.475	8.935	190	1.615	8.500	-31,41	-34,75	-4,87
Joinville	19.536	164.871	8.439	18.025	145.346	8.064	-7,73	-11,84	-4,45
Rio do Sul	10.702	95.926	8.963	9.787	81.176	8.294	-8,55	-15,38	-7,46
Tabuleiro	126	1.056	8.381	120	1.020	8.500	-4,76	-3,41	1,42
Tijucas	2.690	20.300	7.546	2.490	15.284	6.138	-7,43	-24,71	-18,66
Tubarão	21.094	173.214	8.212	21.083	168.373	7.986	-0,05	-2,79	-2,74
<b>Santa Catarina</b>	<b>146.939</b>	<b>1.182.596</b>	<b>8.048</b>	<b>143.406</b>	<b>1.105.697</b>	<b>7.710</b>	<b>-2,40</b>	<b>-6,50</b>	<b>-4,20</b>

Fonte: Epagri/Cepa (Março/2019).

As estimativas atualizadas da Epagri/Cepa para a safra 2018/19 continuam apontando para uma redução na área plantada de arroz irrigado em Santa Catarina de aproximadamente 2,40%. Apesar da ocorrência de chuvas excessivas nas regiões produtoras, o que acabou atrasando a evolução da colheita, esta se aproxima do final. Cerca de 99,8% da área plantada com arroz no estado já foi colhida, restando áreas plantadas em regiões mais altas no Alto Vale. Com a colheita se aproximando do final, é possível perceber uma redução de 4,2% da produtividade média das lavouras em relação à safra 2017/18. Entre as principais causas desta redução está o excesso de calor no período de florescimento, o que levou a formação de espiguetas falhadas em decorrência do abortamento da flor. Destaca-se, contudo, que as lavouras plantadas no cedo apresentaram altas produtividades médias, o que impediu que essa redução fosse maior. Atualmente, a estimativa aponta para uma área de 143,4 mil hectares, produção de 1,105 milhões de toneladas (base casca) e produtividade média no estado de 7,7 toneladas por hectare.

## Feijão

João Rogério Alves  
 Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa  
[joaoalves@epagri.sc.gov.br](mailto:joaoalves@epagri.sc.gov.br)

Em abril, o mercado de feijão se manteve em baixa. Compradores e empacotadoras trabalharam no limite de seus estoques. Quando foram ao mercado, buscaram produto de qualidade ofertado a baixos preços. Por outro lado, no varejo os preços mantiveram boa estabilidade. Quando o preço recebido pelos produtores se reduz, também tende a cair para o consumidor, mas de maneira bastante lenta por parte do mercado varejista, que se favorece dessa situação. A recomendação para quem ainda colhe feijão da primeira safra e/ou tem produto armazenado é que o momento é oportuno para vender.

Da mesma forma, para o feijão da segunda safra, que começa a ser colhido no estado, produtores fazem a mesma pergunta: quando vender e a que preço? O limite é variável de produtor para produtor, contudo vai depender da necessidade de caixa, da variedade do feijão-carioca (em função da rápida depreciação comercial) e do custo envolvido no armazenamento. A decisão está na mão do produtor, que tem observado uma redução na procura por parte dos compradores e empacotadoras.

Em Santa Catarina, o preço médio da saca de 60 kg de feijão-carioca, na praça de referência de Joaçaba, passou de R\$ 331,43 em março para R\$ 183,75 em abril, variação negativa de 41%. O mesmo ocorreu nos principais estados produtores: no Paraná, baixa de 21%, em São Paulo, baixa de 30%, em Minas Gerais, baixa de cerca de 20% e em Goiás baixa de 8%. Apesar das recentes baixas nas cotações da leguminosa, na comparação entre abril de 2019 e de 2018, para todos os estados acompanhados a variação dos preços nominais superou 100%. Os produtores catarinenses de feijão-carioca, considerando todas as regiões produtoras e não apenas praça de referência, em abril de 2019 receberam em média R\$ 173,54/sc 60kg, contra R\$ 87,06/sc 60kg alcançado em abril de 2018, aumento de 99%.

Para os produtores de feijão-preto, a redução nas cotações no mês de abril também foi significativa. Em Santa Catarina, a baixa no preço do feijão-carioca arrastou as cotações do feijão-preto, que registrou uma redução da ordem de 15%. Em abril de 2019 os produtores catarinenses receberam, em média, R\$ 140,35/sc de 60kg na região de Canoinhas. Contudo, em relação há um ano o incremento dos preços em termos nominais chega a 27,6%.

**Tabela 6. Feijão – Evolução do preço médios mensal pago ao produtor – Safra 2018/19 (R\$/60kg)**

Estado	Tipo	Abr./19	Mar./19	variação (%)	Abr./18	Variação anual abr./19 – abr./18 (%)
Santa Catarina	Feijão Carioca	183,75	311,43	-41,00	91,00	101,92
Paraná		222,58	282,14	-21,11	90,22	146,71
São Paulo		232,42	330,72	-29,72	111,59	108,28
Minas Gerais		267,38	332,49	-19,58	107,52	148,68
Goiás		278,32	303,97	-8,44	93,34	198,18
Santa Catarina	Feijão Preto	140,35	165,00	-14,94	110,00	27,59
Paraná		130,53	153,26	-14,83	103,94	25,58
Rio Grande do Sul		172,14	176,44	-2,44	129,02	33,42

Nota: Feijão preto SC-praça ref. Canoinhas, feijão carioca SC-praça ref. Joaçaba (Abril/2019).

Fonte: SEAB/Deral (PR), Agrolink (RS, MG, GO e SP), Epagri/Cepa (SC).

No mercado atacadista de São Paulo, a Bolsa de Cereais de São Paulo (BCSP) registrou baixa nos preços do feijão-carioca e preto. No dia 07/05/19 a saca de 60kg do feijão-carioca nota 9,0 foi comercializado a R\$ 152,50, enquanto no dia 09/04/19, estava a R\$ 237,00, variação negativa de cerca de 36%. Ainda na BCSP,

no mesmo período, para o feijão-preto extra a cotação da saca foi de R\$ 167,50 em maio, contra R\$ 172,50 em abril, baixa de aproximadamente 3%.

**Tabela 7. Feijão – Preço médio diário do feijão no mercado atacadista de São Paulo**

Produto <sup>(1)</sup>	07/05/2019	09/04/2019	Varição (%)	Mercado <sup>(2)</sup>
Feijão-carioca Extra (9,0)	152,50	237,50	-35,79	calmo
Feijão-carioca Especial (8,5)	140,00	217,50	-35,63	calmo
Feijão-carioca Comercial (8,0)	130,00	195,00	-33,33	calmo
Feijão-preto Extra	167,50	172,50	-2,90	nominal
Feijão-preto Especial	152,50	157,50	-3,17	nominal

<sup>(1)</sup>Feijão nacional, maquinado, saca 60kg, 15 dias, CIF/SP.

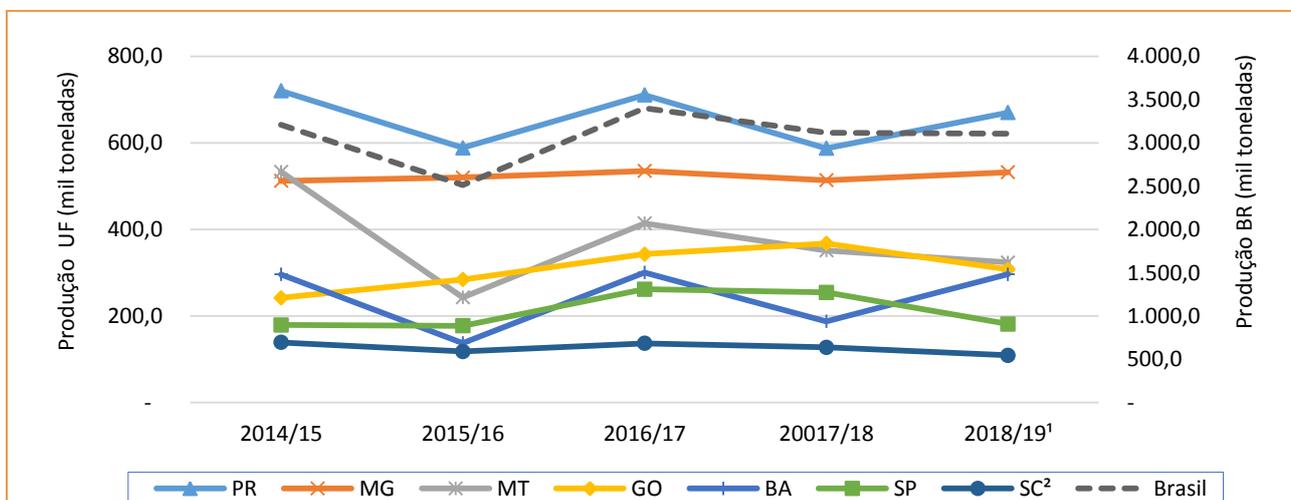
<sup>(2)</sup>Comportamento do mercado em 07/05/2019.

Nota 1: calmo - quando os preços se mantêm ou sofre pequenas oscilações.

Nota 2: nominal - preço sem variação por falta ou excesso do produto.

Fonte: Bolsa de Cereais de São Paulo, BCSP.

A produção nacional de feijão demonstrou um comportamento bastante estável nos últimos cinco anos. Considerando os extremos da série analisada, é possível identificar que houve uma redução de aproximadamente 3,3%, passando de 3.210,2 para 3.104,3 milhões de toneladas. Considerando a pressão pelo crescimento da área de soja e milho no país e pelo bom momento dessas commodities no mercado nacional e internacional nos últimos anos, pode se afirmar que a cultura apresenta atualmente boa estabilidade na produção. Na figura 6 se verifica que em território catarinense o feijão está diminuindo sua produção. No período analisado, a redução chega a 21,5%, passando de 139,1 para 109,2 mil toneladas.



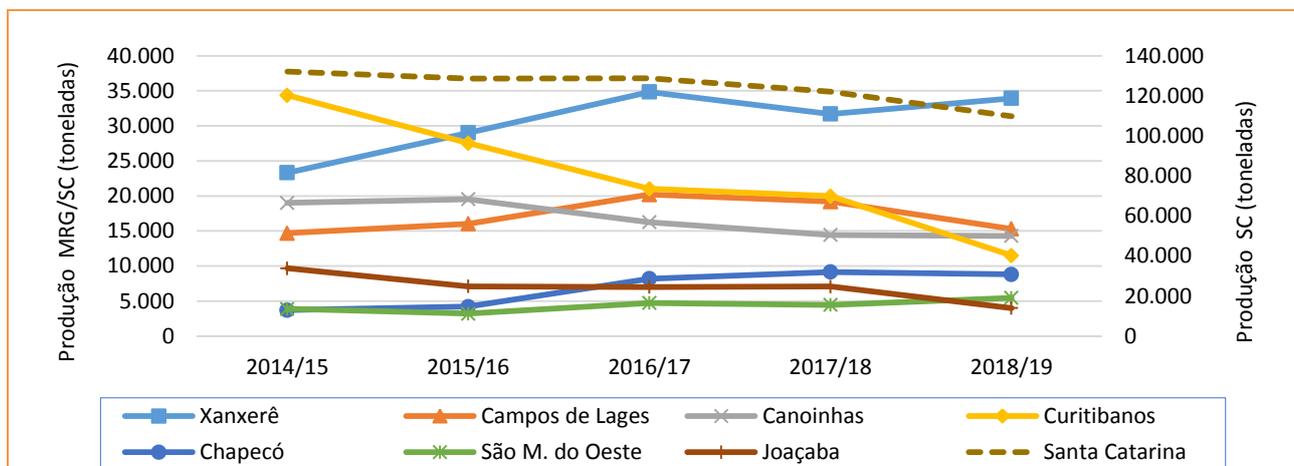
<sup>(1)</sup>Estimativa abril/2019.

<sup>(2)</sup>Dados levantamento Epagri/Cepa.

Fonte: Epagri/Cepa e Conab, abril 2019.

**Figura 6. Feijão total – Comparativo de produção nacional e principais estados produtores (safra 2014/15 – 2018/19)**

Em relação a produção de feijão nos últimos cinco anos por microrregião geográfica produtora do estado, observa-se um aumento significativo da produção na MRG de Xanxerê, que no período analisado chega a 45,5%. Por outro lado, microrregiões tradicionalmente importantes, como Curitibaanos, Canoinhas e Joaçaba, tiveram redução na produção em 66,5%, 24,8% e 58,8%, respectivamente.



Fonte: Epagri/Cepa, abril 2019.

**Figura 7. Feijão total – Santa Catarina: comparativo de produção por microrregião geográfica e total (safra 2014/15-2018/19)**

Os produtores do Planalto Norte já colheram cerca de 6% da área da feijão 2ª safra, enquanto no restante do estado predominam as fases de floração, que alcança cerca de 55% das lavouras, e maturação. O desenvolvimento dos cultivos ocorre de forma normal. Contudo, o excesso de chuvas e as madrugadas e manhãs frias registradas nas últimas semanas podem prejudicar a fase da floração, aspecto que tem preocupado técnico e produtores.

**Tabela 8. Feijão 2ª safra – Santa Catarina: comparativo de safra 2017/18 e 2018/19**

Microrregião	Safra 2017/2018			Estimativa Atual – Safra 2018/2019			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod.(t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod.(t)	Rend. médio (kg/ha)	Área	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	530	482	910	621	587	946	17	22	4
Canoinhas	2.910	3.699	1.271	3.110	5.559	1.787	7	50	41
Chapecó	2.566	3.906	1.522	2.925	5.091	1.740	14	30	14
Concórdia	99	170	1.717	85	143	1.682	-14	-16	-2
Criciúma	2.581	3.048	1.181	2.587	3.054	1.181	0	0	0
Ituporanga	1.500	1.983	1.322	1.720	2.604	1.514	15	31	15
Rio do Sul	623	800	1.284	668	933	1.397	7	17	9
São Bento do Sul	160	150	940	200	330	1.650	25	119	76
São M. do Oeste	2.065	3.277	1.587	1.825	3.151	1.726	-12	-4	9
Tubarão	1.289	1.323	1.026	1.311	1.408	1.074	2	6	5
Xanxerê	8.725	15.100	1.731	12.545	22.818	1.819	44	51	5
Santa Catarina	23.048	33.938	1.472	27.597	45.678	1.655	20	35	12

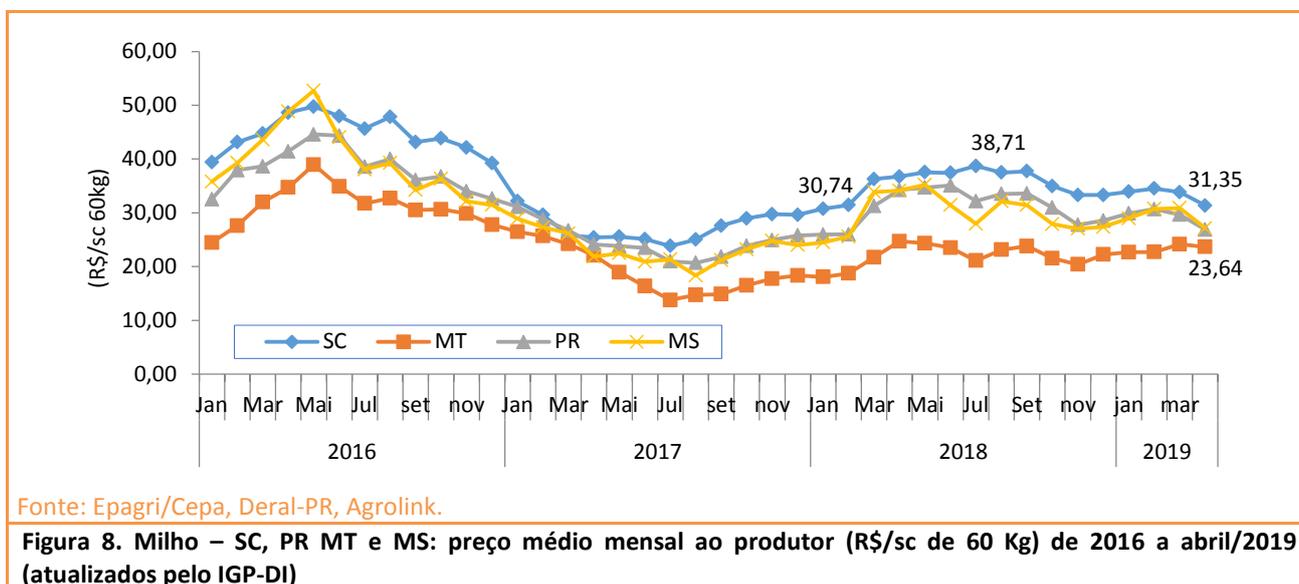
Fonte: Sistema de acompanhamento de safras e mercados, Epagri/Cepa (Abril/2019).

## Milho

Haroldo Tavares Elias  
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa  
[htelias@epagri.sc.gov.br](mailto:htelias@epagri.sc.gov.br)

Nos últimos dois meses, os preços pagos ao produtor apresentaram forte movimento de baixa. Em Santa Catarina, os preços recuaram 7,3% em abril, sendo o menor preço registrado desde janeiro de 2018. Na média mensal, em abril o preço foi de R\$ 31,35/sc de 60 Kg<sup>1</sup>. No início de maio, os preços atingiram os mínimos do ano, de R\$ 28,50/sc (preço diário em 9/05/2019 na praça Chapecó). Isto coloca os produtores em alerta, pois o custo operacional para produção na safra 2018/19 oscila entre R\$ 25,00 e R\$ 28,00/sc de 60 Kg (Epagri/Cepa e Deral-PR). Os preços também recuaram: -9,2% no Paraná (DERAL-PR) e -2,4 % no Mato Grosso do Sul. Dentre os fatores determinantes para o movimento de baixa dos preços nos últimos meses, destacamos:

- plena colheita da primeira safra no Brasil, em função dos bons volumes da primeira safra, o que gera maior oferta regional do produto;
- a 2ª safra indica boas perspectivas de produção, em função do clima favorável no Centro Oeste e no Paraná;
- reflexo do mercado internacional, com a expectativa de maior área a ser cultivada nos EUA, pressionando os preços;
- menor demanda da China por soja e milho em função da peste suína (PSA);
- o que poderá evitar maior queda dos preços são as exportações em 2019, que em abril dão sinais que poderão superar 30 milhões de toneladas no ano.



### Acompanhamento Safra 2018/19

A estimativa da safra em curso confirma a recuperação da área cultivada de milho 1ª e 2ª safras em 8,8% em relação à safra 2017/18. Com isso, a área cultivada alcança 351.142ha (1ª e 2ª safras). Este aumento de área se dá, principalmente, em função dos preços fortalecidos do cereal durante 2018 e da necessidade de rotação soja x milho. O atual relatório reporta uma elevação da produtividade na primeira safra, com a

<sup>1</sup> Na segunda semana de maio (08/05) os preços já registraram novos valores mínimos: R\$ 28,50/sc de 60 Kg na praça de Chapecó.

colheita tomando um ritmo mais forte nas regiões altas. Estão sendo registradas produtividades superiores a 10.000 kg/ha nas regiões de Curitibanos/Campos Novos e Xanxerê/Abelardo Luz, elevando a média da produtividade do estado para 8.360kg/ha. A expectativa é de que a produção do estado fique em 2,92 milhões de toneladas nas duas safras.

**Tabela 9. Milho – Santa Catarina: 1ª e 2ª safras – Comparativo entre as safras 2017/18 e 2018/19 (estimativa março/2019)**

	Safra 2017/18			Safra 2018/19 (Março)			Variação (%)		
	Área plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plantada (ha)	Quant. Prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)
1ª Safra	305.983	2.468.879	8.069	334.883	2.821.858	8.426	9,4	14,3	4,4
2ª Safra	16.767	103.190	6.154	16.259	102.494	6.304	-3,0	-0,7	2,4
<b>Total</b>	<b>322.750</b>	<b>2.572.069</b>	<b>7.969</b>	<b>351.142</b>	<b>2.924.352</b>	<b>8.360</b>	<b>8,8</b>	<b>13,7</b>	<b>4,5</b>

Fonte: Epagri/Cepa

### Panorama no Estado

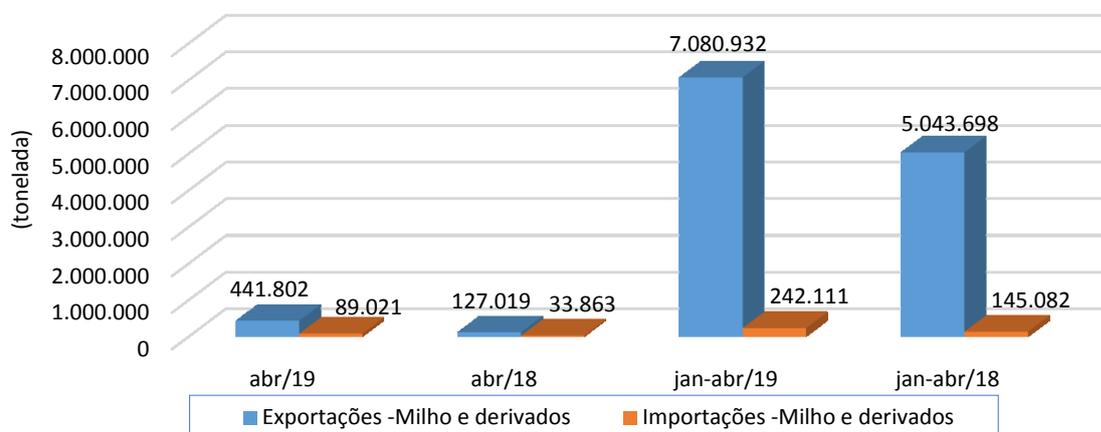
A colheita alcançou 82% da área cultivada até 10 de maio. Nas regiões do Oeste (Chapecó, São Miguel do Oeste, Xanxerê e Concórdia) a colheita se aproxima de 98-99% da área plantada. Nas regiões do planalto, a colheita chega próximo de 40-50% (Campos de Lages, Caçador e Curitibanos), com calendário de plantio mais tarde. Havia expectativa de redução na produtividade, em função do período de estiagem em dezembro e altas temperaturas em janeiro/fevereiro. Contudo, na maioria das regiões o rendimento está sendo considerado normal, inclusive 4,4% superior ao registrado na safra anterior. Há registros de produtividade superior a 15t/ha, em especial nas regiões com altitude superior a 800 metros, cujas condições edafoclimáticas são mais favoráveis ao desenvolvimento fisiológico da cultura.

### Exportações e importações de milho do Brasil e Santa Catarina em 2019

Com o bom desempenho da safra de verão no Brasil, a estimativa foi elevada para 25,9 milhões de toneladas. Também pelo bom desenvolvimento da segunda safra no Centro Oeste até o momento, a produção total de milho deverá atingir 94 milhões toneladas, representando um aumento de 16,5% em relação à safra passada<sup>2</sup>. Algumas consultorias estimam a safra total no Brasil 2018/19 superior a 100 milhões de toneladas, em função das perspectivas de produtividade na safrinha. Isto favorece o aumento das exportações no ano. O volume das exportações no acumulado de janeiro a abril teve um crescimento superior a 40% frente ao mesmo período de 2018, contabilizando dois milhões a mais exportados no período. Com referência ao mês de abril, as exportações superaram 3,5 vezes em volume ao mesmo mês da safra passada. As exportações em alta no período são reflexo da antecipação da colheita da safra de soja 2018/19, antecipando o fluxo nos portos em 20 a 30 dias<sup>3</sup>. As importações também apresentaram um aumento significativo. No entanto em patamar bem inferior às exportações, correspondendo a menos de 4% do volume exportado. Do total das importações de milho do Brasil de janeiro a abril de 2019, mais de 50% do volume foi destinado para Santa Catarina.

<sup>2</sup> Conab | ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA DE GRÃOS | v. 6 - Safra 2018/19, n.7 - Sétimo levantamento, abril 2019.

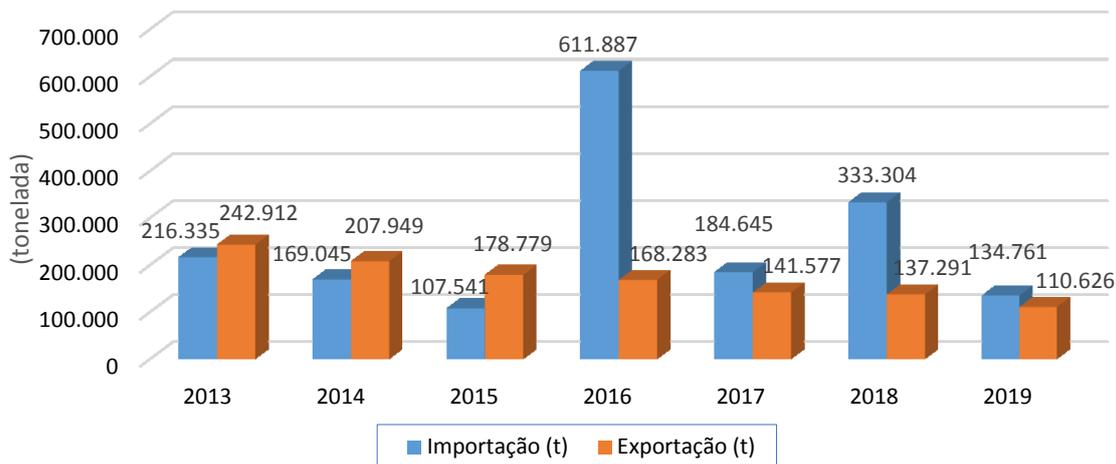
<sup>3</sup> O Porto de Imbituba está apresentando um aumento considerável nas exportações de milho este ano. Em 2018 movimentou 29 mil toneladas, enquanto até abril de 2019 já apresenta volume exportado de 386 mil toneladas do cereal. Além disto, registra programação de mais três navios para carregamento nos próximos 30 dias (*line up até 15 de junho*), oriundos do Irã, chegando com ureia e fertilizantes e retornando com milho. A origem do milho exportado é de diversos estados produtores.



Fonte: MDIC/COMEX STAT. 2019.

**Figura 9. Milho e derivados – Brasil: exportações e importações – 2018/19**

No estado, as exportações diminuíram mais de 40% de 2013 a 2018. Isto é esperado, uma vez que Santa Catarina tem crescente demanda pelo cereal. Para suprir o consumo interno, necessita importar em torno de 4 milhões de toneladas por ano. Em 2019, se observa um comportamento diferenciado da série, uma vez que até abril as exportações já atingiram 110 mil toneladas, tendo como principais destinos o Irã e Cuba<sup>4</sup>. Quanto às importações, teve forte variação no período, conforme a produção da safra anual e volume de estoques internos. Na série abaixo apresentada, 2016 foi o ano com maior importação, alcançando 611 mil toneladas, em função de problemas climáticos naquela safra. Neste ano, a origem do milho importado é preferencialmente da Argentina, via Porto de Imbituba, e do Paraguai, via rodoviária.



Fonte: MDIC/COMEX STAT – 2019.

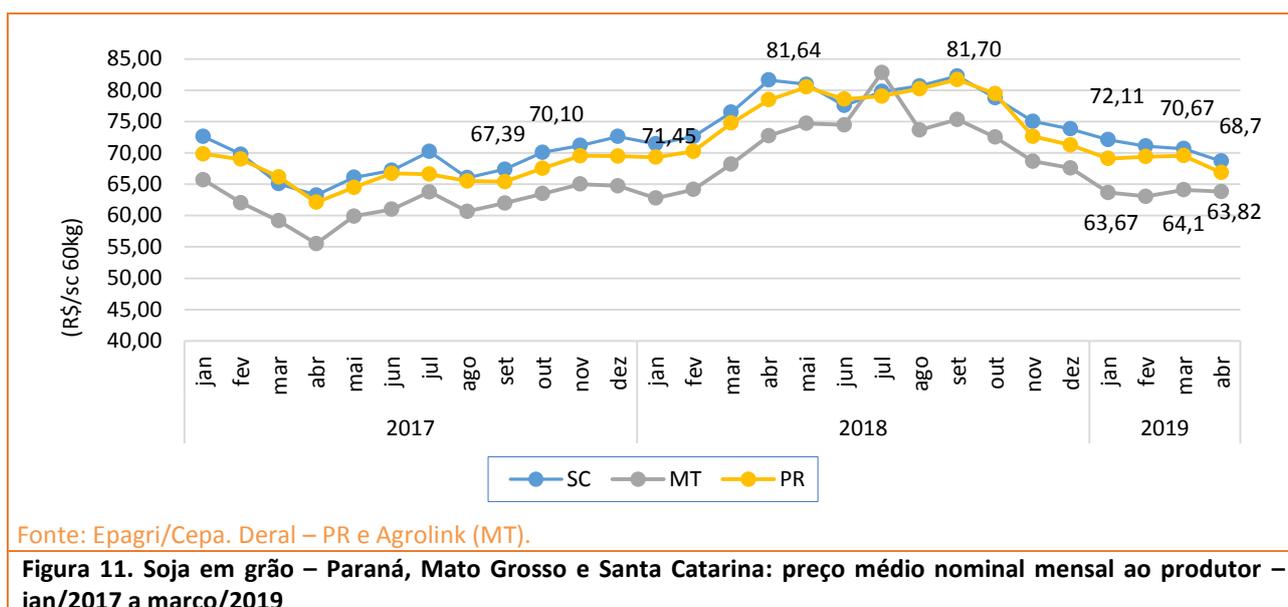
**Figura 10. Milho e derivados – Santa Catarina: exportações e importações – 2018/2019**

<sup>4</sup> O MDIC classifica as exportações pela origem do produto ou sede da empresa que exporta o referido produto.

## Soja

Haroldo Tavares Elias  
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa  
[htelias@epagri.sc.gov.br](mailto:htelias@epagri.sc.gov.br)

Os preços ao produtor registraram queda pelo sétimo mês consecutivo. Em relação ao mês anterior, apresentou uma retração de 2,7% frente ao mesmo mês da safra passada registrou retração de - 15,85%. No Paraná, o comportamento foi semelhante. No Mato Grosso, os preços permaneceram relativamente estáveis nos últimos quatro meses, mas com recuo no mês passado. Os fatores que influenciaram as oscilações e queda dos preços em abril e início de maio foram: maior oferta do produto no mercado interno, uma vez que a colheita está finalizando em grande parte dos estados produtores; compras chinesas em decréscimo; altos volumes de estoques americanos, que pressionam os preços, e aumento da estimativa da produção na Argentina, que deve alcançar 55 milhões de toneladas<sup>5</sup>. Além disso, a indefinição do acordo entre EUA e China mantêm o mercado em compasso de espera desde início do ano e com desvalorização de contratos futuros. O fechamento do acordo entre as duas maiores potências mundiais deverá ocasionar redução na demanda pela soja brasileira, com menor volume a ser exportado neste ano. A redução nas exportações de soja em abril já sinalizam neste sentido.



A peste suína (PSA) na China impacta a demanda por soja, levando a um cenário com predominância de fatores baixistas. Assim, o panorama se alterou significativamente na atual safra. Ou seja, com maior oferta no mercado internacional, os preços continuam pressionados. Em contraponto a este cenário, existem dois fatores que podem valorizar os preços: a cotação do dólar em relação ao real, que limita uma maior queda nos preços, e as condições climáticas nos EUA para início do plantio da soja, com registro de chuvas e frio, que refletem no atraso do plantio, levando a perspectiva de safra menor, o que poderá afetar os preços em Chicago. Quanto ao câmbio, fator determinante dos preços, o valor próximo de R\$ 4,00/dólar pode refletir altas pontuais. Se por um lado a alta do dólar favorece os preços do grão, por outro também faz os preços do insumos se elevarem, uma vez que as importações de fertilizantes abastecem mais de 80% do consumo

<sup>5</sup> PANORAMA AGRÍCOLA SEMANAL. BOLSA DE CEREALES DEPARTAMENTO DE ESTIMACIONES AGRÍCOLAS. MAYO DE 2019

nacional. No Brasil, o preço da soja em abril, abaixo dos US\$ 20 por saca é um dos menores já registrados desde 2017. Os preços recuaram para valores inferiores a R\$ 70,00 ao produtor. Os produtores tem como patamar os preços da safra anterior, quando chegaram a comercializar a saca acima de R\$ 90,00.

### Acompanhamento da Safra 2018/19

Em Santa Catarina, a área cultivada apresenta recuo de 2,1%, com 669 mil hectares cultivados e produção estimada em 2,42 milhões de toneladas, um pequeno aumento em função da expectativa de rendimento 0,7% superior à safra passada. Espera-se rendimentos superiores a 4.000kg/ha nas regiões de Curitibaanos, Campos Novos e Joaçaba. As maiores regiões produtoras são Xanxerê, Canoinhas e Curitibaanos, incluindo Campos Novos, que somam 384 mil hectares, respondendo por mais de 57% da área cultivada do estado. As produtividades estimadas nas regiões de Chapecó e Xanxerê apresentaram queda na atual safra frente a anterior, em função das condições climáticas adversas em dezembro e do registro de áreas de cultivo de soja 2ª safra nas últimas estimativas, que apresentam rendimento inferior em relação à primeira safra.

**Tabela 10. Soja – Santa Catarina: área, produção e rendimento, comparativo entre safras 2017/18 e 2018/19 (estimativa mar/2019)**

Microrregião	2017/18			2018/19 – Estimativa março			Variação % (17/18 a 18/19)		
	Área plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. médio (kg/ha)
<b>Santa Catarina</b>	<b>684.045</b>	<b>2.458.989</b>	<b>3.595</b>	<b>669.447</b>	<b>2.424.363</b>	<b>3.621</b>	<b>-2,1</b>	<b>-1,4</b>	<b>0,7</b>
Xanxerê	148.040	545.578	3.685	148.880	517.259	3.474	0,6	-5,2	-5,7
Curitibaanos	113.008	438.490	3.880	109.630	469.218	4.280	-3,0	7,0	10,3
Canoinhas	129.800	450.720	3.472	126.000	431.668	3.426	-2,9	-4,2	-1,3
Chapecó	92.941	300.866	3.237	92.080	288.039	3.128	-0,9	-4,3	-3,4
Joaçaba	67.664	255.994	3.783	61.150	251.337	4.110	-9,6	-1,8	8,6
Campos de Lages	62.230	222.758	3.580	59.440	217.280	3.655	-4,5	-2,5	2,1
São Miguel do Oeste	41.277	137.846	3.340	41.397	138.834	3.354	0,3	0,7	0,4
São Bento do Sul	11.500	37.020	3.219	10.200	31.420	3.080	-11,3	-15,1	-4,3
Ituporanga	8.240	34.140	4.143	7.220	29.538	4.091	-12,4	-13,5	-1,3
Concórdia	5.330	19.855	3.725	6.610	23.780	3.598	24,0	19,8	-3,4
Rio do Sul	4.015	15.721	3.916	4.902	19.013	3.879	22,1	20,9	-0,9
Criciúma				1.938	6.977	3.600			

Fonte: Fonte: Epagri/Cepa.

### Panorama Estadual

A estimativa de colheita alcança 96% da área cultivada no estado (até dia 10 de maio). Deve se intensificar até o final de maio, quando encerra a colheita principal, restando áreas de soja da segunda safra, área ainda não contabilizada em separado pela Epagri/Cepa. A colheita está finalizada na região Oeste. Nas regiões do Planalto a safra está sendo colhida, conforme calendário de plantio, que é mais tardio. Toda a soja precoce já foi colhida, apresentando rendimentos de 4,2 a 5,7ton/ha nas regiões de Campos Novos, Canoinhas e Mafra. Na medida em que os trabalhos avançam com as variedades de ciclo normal, a produtividade tem declinado um pouco, situando-se entre 3,9 e 4,5 t/ha.

A atual safra apresentou alguns problemas climáticos, especialmente a estiagem nos primeiros 15 dias de dezembro e altas temperaturas em janeiro/fevereiro. O maior problema, no entanto, são os preços em declínio desde o início do ano. Problemas climáticos geraram perdas localizadas em algumas regiões, no entanto, em outras, com plantio mais tardio, em áreas com maior altitude, foram registrados bons rendimentos, o que compensou a produtividade média do estado.

## Trigo

João Rogério Alves  
 Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa  
 joaoalves@epagri.sc.gov.br

Em abril, as cotações de trigo registraram preços inferiores aos de março. O preço pago ao produtor recuou cerca de 0,6% em Santa Catarina, 0,6% no Rio Grande do Sul, 3,35% em São Paulo e 3,77%, no Paraná. Em Santa Catarina, período é de entressafra. Tradicionalmente, o cultivo ocorre a partir da primeira quinzena de junho, quando as condições de clima e temperatura são mais favoráveis para a implantação da cultura.

**Tabela 11. Trigo grão – Preços médios pagos ao produtor safra 2018/19 – R\$/saca de 60kg**

Estado	Abr./19	Mar./19	Variação mensal (%)	Abr./18	Variação anual (%)
Santa Catarina	42,06	42,30	-0,57	35,63	18,05
Paraná	46,50	48,32	-3,77	38,09	22,08
Rio Grande do Sul	41,67	41,41	0,63	34,35	21,31
São Paulo	52,75	54,58	-3,35	48,16	9,53

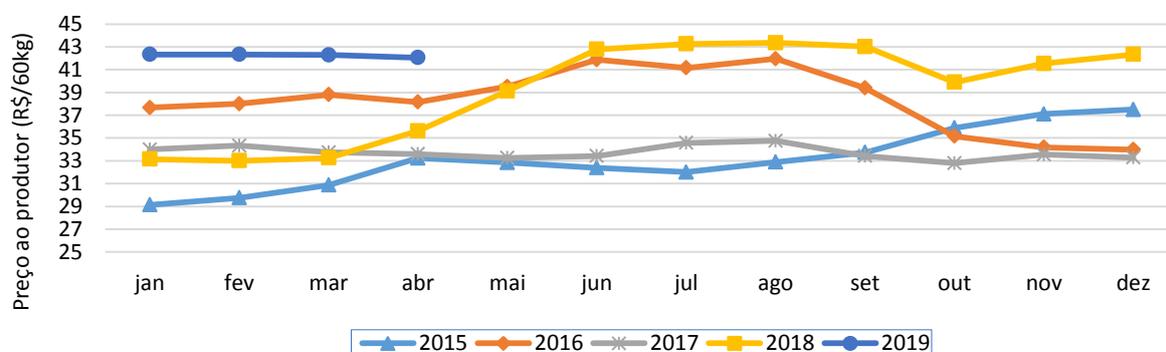
Nota: SC e PR - Trigo Pão PH78, RS e SP - Trigo em Grão Nacional.

Fonte: Epagri/Cepa (SC), SEAB/Deral (PR), Agrolink (RS e SP). Abril, 2019.

No Paraná, cerca de 26% da área destinada ao plantio de trigo na safra 2019/20 já foi semeada. Segundo o Deral/Seab, desta área cerca de 97% encontra-se em boa condição, com 56% em fase de germinação e 96% em desenvolvimento vegetativo. Já no Rio Grande do Sul, se intensificam o planejamento e operações de pré-plantio, como dessecação e correção de solo. A semeadura está prevista para iniciar a partir da segunda quinzena de maio.

Na Argentina, o cenário é parecido com o do Rio Grande do Sul. Conforme a Bolsa de Cereais Argentina, o cenário para a safra 2019/20 de trigo é bastante positiva. As previsões apontam que as chuvas deverão ocorrer em volumes satisfatórios em todo território argentino, favorecendo o cultivo. A expectativa é que ocorra um aumento na área plantada de cerca de 3,3%, passando de 6,2 para 6,4 milhões de hectares, assim como um aumento na produção de 8,4%, passando de cerca de 19,0 para 20,6 milhões de toneladas.

Em Santa Catarina, nos quatro primeiros meses deste ano as cotações da saca de trigo se mantiveram em patamares bastante altos quando comparados há outros anos. Em relação à safra passada, no mês de abril o produtor recebeu em média R\$42,06/saca de 60kg. Em termos nominais é um valor 18% superior ao praticado em abril de 2018. A tendência para os próximos meses é que esses preços se mantenham.

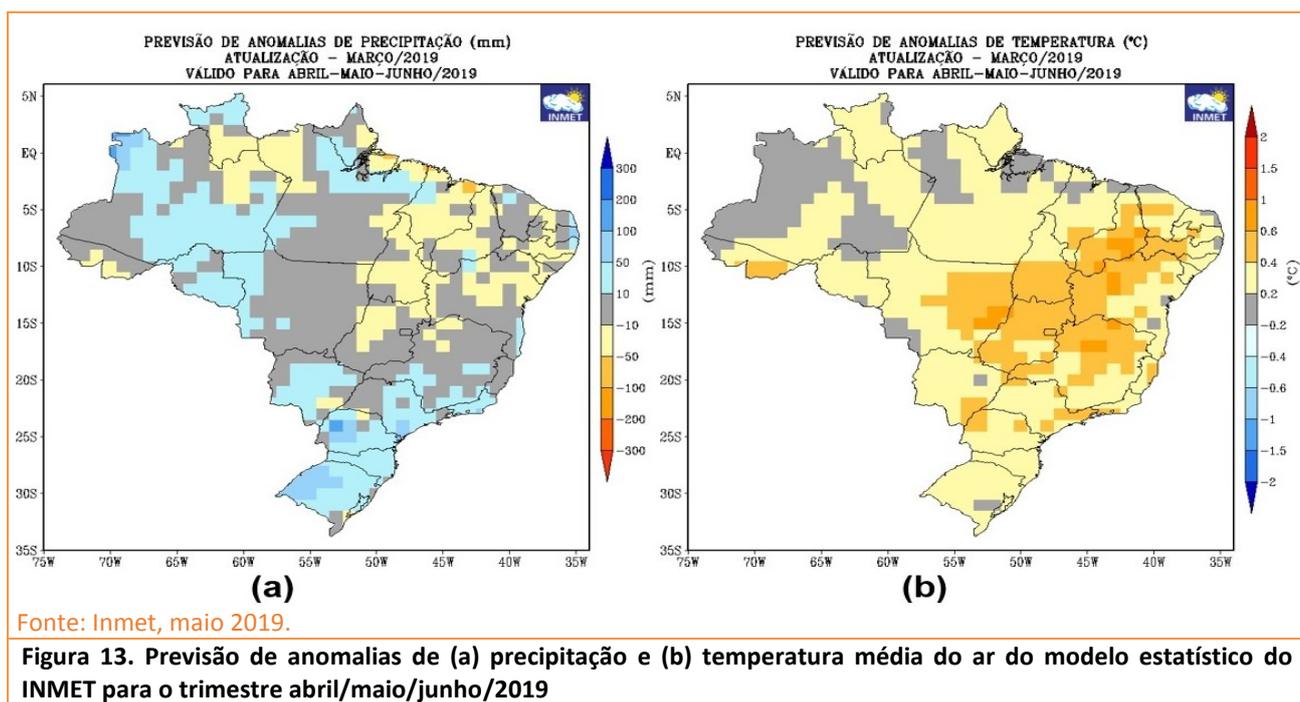


Fonte: Epagri/Cepa.

**Figura 12. Trigo – Santa Catarina: sazonalidade do preço médio recebido pelo produtor catarinense – 2015-19**

Segundo dados do INMET – Instituto Nacional de Meteorologia, para o trimestre abril/maio/junho o prognóstico climático é de chuvas ficarem acima da média em toda Região Sul, principalmente na parte oeste. O Instituto destaca, ainda, que existe um aquecimento da área oceânica próxima a costa da Argentina e mais acentuada no sudeste do Brasil, que favorece as condições de instabilidade atmosférica e consequente precipitação nesta área.

Aliado a esta situação, tem-se o aquecimento do Oceano Pacífico, caracterizando um El Niño de fraca intensidade, que pode acentuar as temperaturas na região nos próximos meses, de acordo com a previsão de temperaturas acima da média no outono. Contudo, esta previsão não elimina a possibilidade de ocorrência de geadas, principalmente em áreas serranas, na medida em que se aproxima o inverno.



## Hortaliças

### Alho

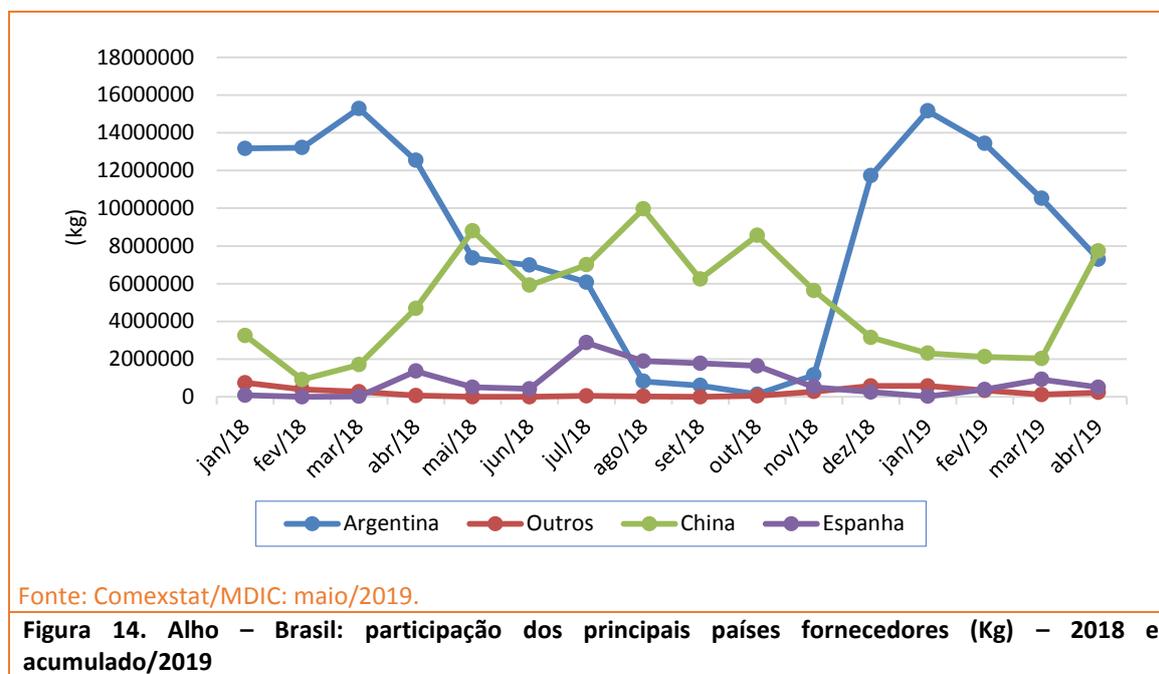
Jurandi Teodoro Gugel  
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa  
[jurandgugel@epagri.sc.gov.br](mailto:jurandgugel@epagri.sc.gov.br)

#### Importação de alho volta a crescer em abril

A importação de alho pelo Brasil voltou a crescer no mês de abril, sendo a maior para o mês nos últimos 4 anos.

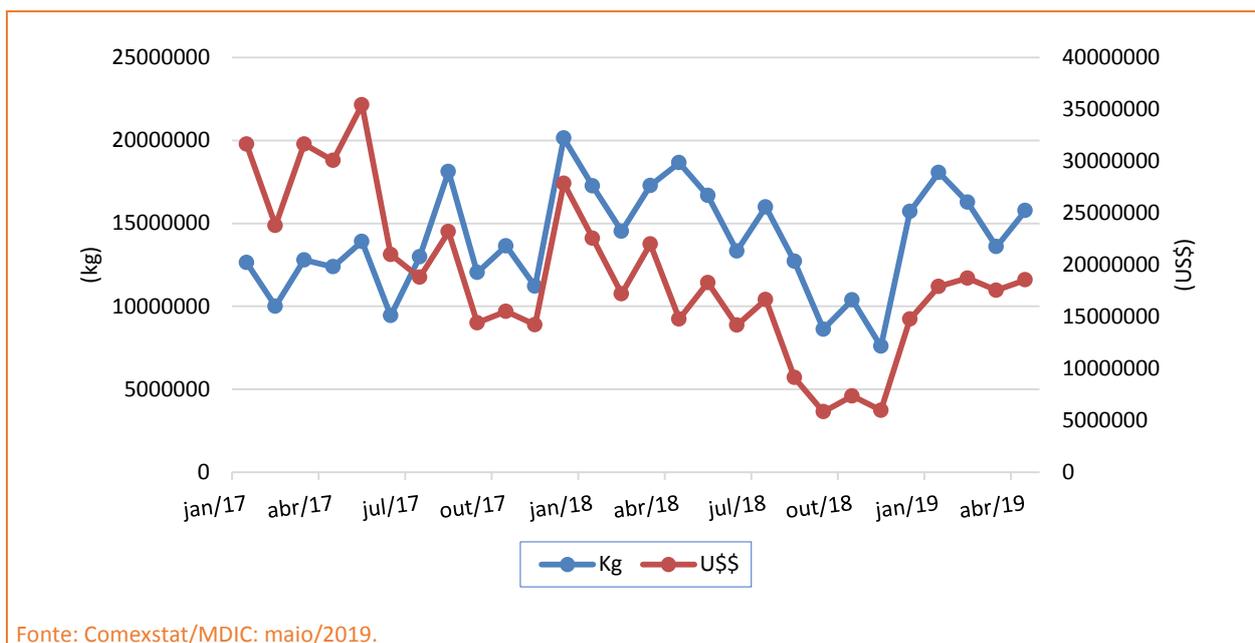
O mercado internacional do alho continua com grande oferta, propiciada pelos principais países produtores, como China e Espanha. Após esboçar pequena reação nos preços no mês de março, em abril houve redução de 9,30% no preço médio FOB do alho importado pelo Brasil.

Abril é o mês de início da transição do fornecimento de alho importado, que migra da produção argentina para as importações chinesas, como pode ser visto na Figura 14.



Como registrado no mês anterior, o alho argentino contribuiu para manter a lenta e gradual recuperação dos preços médios FOB do alho importado pelo Brasil desde novembro de 2018, principalmente pela qualidade do produto do país vizinho.

Com a proximidade do final da comercialização da safra argentina, é natural que o alho chinês seja o principal produto a ser adquirido pelos importadores brasileiros. Como pode ser visto na Figura 15, no mês de abril houve redução do preço médio FOB, decorrente da maior participação do volume importado da China. Segundo dados do MDIC, o preço FOB do alho argentino para o mês foi de US\$ 1,42/kg, contra US\$ 1,07/kg do produto de origem chinesa.



Fonte: Comexstat/MDIC: maio/2019.

Figura 15. Alho – Brasil: volume e valores da importação – mês a mês: 2017, 2018 e jan. a abr./2019

Com o mercado permanecendo com uma conjuntura pouco favorável aos produtores em função da grande oferta de alho no mercado internacional, há avaliações de que as próximas safras terão redução de área, especialmente na China, o que poderá influenciar na melhoria de preços para a próxima safra. Para o caso de Santa Catarina, a Epagri/Cepa deverá ter, já no boletim agropecuário do mês junho, estimativa inicial da nova safra de alho para Santa Catarina.

No primeiro quadrimestre de 2019 o volume médio mensal importado, alcançou 15,92 mil toneladas, contra 16,49 mil toneladas no mesmo período de 2016, 11,95 mil toneladas em 2017, e média mensal de 15,95 mil toneladas no primeiro quadrimestre de 2018.

Dessa forma, percebe-se que nos últimos anos o histórico do volume da importação do alho ao Brasil teve comportamento semelhante no primeiro quadrimestre de cada ano.

Tabela 12. Alho – Brasil: Importações de 2016 a 2018 (mil t)

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2016	17,01	16,80	16,73	15,43	14,08	15,92	19,95	15,89	11,87	6,03	9,06	14,20	<b>172,97</b>
2017	12,63	10,00	12,79	12,38	13,90	9,43	12,97	18,12	12,02	13,64	11,20	20,12	<b>159,20</b>
2018	17,24	14,53	17,28	14,77	16,67	13,33	15,99	12,70	8,61	10,39	7,59	<b>15,71</b>	<b>164,48</b>
2019	18,06	16,28	13,59	15,77	-	-	-	-	-	-	-	-	<b>63,69</b>

Fonte: Comexstat/MDIC: abril/2019.

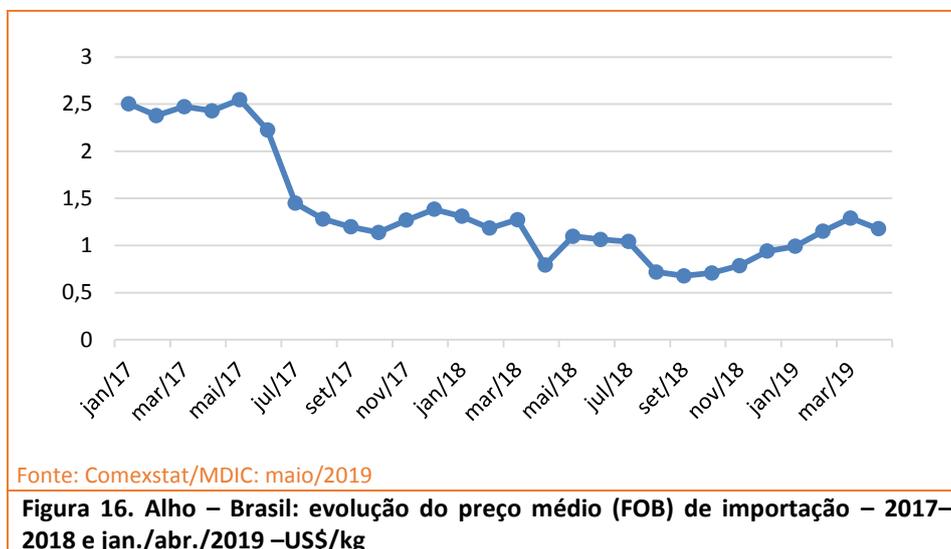
Na figura 16 é apresentada a evolução dos preços internacionais (FOB) do alho. Percebe-se que, após um período de bons preços do produto, desde julho de 2017 os preços internacionais ficaram abaixo de US\$ 1,50/kg, acirrando a concorrência nos mercados proporcionada pela grande oferta de alho. O período de maior depressão nos preços ocorreu no mês de setembro de 2018, quando o alho importado pelo Brasil teve preço médio (FOB) de US\$ 0,68/kg.

Após setembro/18 os preços tiveram recuperação gradual até o mês passado. Porém, a recuperação foi insuficiente para que os preços internacionais não afetassem a viabilidade econômica da safra catarinense, cuja colheita ocorreu no final do ano passado e início deste, com a comercialização ainda em andamento.

Também em relação às importações de alho pelo Brasil, abaixo ilustração que apresenta a evolução da quantidade importada (Kg) e o volume de recursos gastos (US\$) nos anos de 2017 e 2018 e no primeiro

quadrimestre de 2019, cujo dispêndio nos últimos quatro meses ficou entre US\$ 17,5 e US\$ 18,5 milhões mensais, totalizando US\$ 72,71 milhões

Abaixo é apresentada a participação dos principais países no fornecimento de alho ao Brasil no ano de 2018 e de janeiro a abril de 2019.



Como pode ser visto, a participação dos principais países, Argentina e China, apresenta comportamento semelhante quando comparados os primeiros quadrimestres de 2018 e 2019. Em abril, a China se inicia uma maior participação no fornecimento, enquanto a entrada de alho argentino declina, em função do final da safra. Das 15,77 mil toneladas internalizadas em abril deste ano, 7,29 mil toneladas vieram da Argentina, perfazendo 46,23% do total; da China foram 7,73 mil toneladas, ou 49,01%; os demais fornecedores participaram com apenas 4,75%, equivalendo a 0,75 mil toneladas.

Em relação à comercialização da safra catarinense, o volume vendido pelos produtores já se aproxima dos 90% da produção. Neste mês, os preços de mercado foram semelhantes ao mês de março, mantendo o alho indústria a R\$ 1,50, classes 2-3 a R\$ 1,91/Kg, classes 4 e 5 a R\$ 5,53/Kg alho classes 6 e 7, a R\$ 7,34/kg.

No mercado atacadista, em abril os preços permaneceram estáveis. Na primeira semana de abril, na Ceagesp, em São Paulo, maior central de abastecimento do Brasil, o alho roxo nobre nacional classe 5 foi comercializado entre R\$ 13,97/kg e R\$ 15,95/kg, Classe 6 de R\$ 15,49/kg a R\$ 17,30/kg e a classe 7 foi comercializada no patamar de R\$ 17,00/kg. O mês fechou com preços apresentando pequena redução em relação ao início do mês. Dessa forma, no dia 29/04 o alho classe 5 foi comercializado a R\$ 13,84/kg, classe 6 a R\$ 15,84/kg e classe 7 a R\$ 17,78/kg.

No caso do alho argentino, o mês de abril fechou com preço para o produto classe 5 a R\$ 12,28/kg, redução de 1,12% em relação ao início do mês, o alho classe 6 a R\$ 13,28/kg, redução de 7,52%, e o alho classe 7 a R\$ 14,28/kg, com queda de 7,21% em relação ao início do mês.

Na Ceasa/SC, unidade de São José, o alho nobre nacional, classes 4 e 5, foi comercializado a R\$ 8,00/kg, redução de 3,96% em relação ao início do mês. Nas classes 6 e 7 a redução foi de 4,35%, caindo de R\$ 11,50/kg para R\$ 11,00/kg.

## Cebola

Jurandi Teodoro Gugel  
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa  
[jurandgugel@epagri.sc.gov.br](mailto:jurandgugel@epagri.sc.gov.br)

### **Nova safra catarinense de cebola já está sendo implantada**

Com os resultados positivos da safra 2018/19, os produtores catarinenses apostam na nova safra 2019/20, mantendo ou elevando as tecnologias e conhecimentos para obterem bons resultados produtivos e retorno econômico na atividade.

No próximo mês, a Epagri/Cepa deverá apresentar a primeira estimativa de safra 2019/20 para a cultura no estado de Santa Catarina. A tendência é que, no mínimo, seja mantida a área da safra 2018/19.

A safra de cebola catarinense 2018/19 teve seus números fechados no último mês de março. Segundo a Epagri/Cepa, a área cultivada alcançou 18.960ha, com produção de 485.122 toneladas, e produtividade média de 25,58 toneladas/ha. Houve perdas ocasionadas por estiagem no plantio e início do período de desenvolvimento vegetativo e excesso de chuvas no período final de desenvolvimento e colheita, que provocaram o aparecimento de doenças da parte aérea (bactérias e fungos). Nesse momento, a comercialização da safra em Santa Catarina já ultrapassa os 95% do volume produzido.

O mês de abril iniciou com alguma redução na oferta de cebola pela região Nordeste, em função das condições de tempo chuvoso que dificultaram a colheita nas lavouras, também afetando a qualidade da hortaliça. No decorrer do mês, com a redução dos índices pluviométricos, a colheita se normalizou, bem como a qualidade do produto. Estas condições, associadas à redução da oferta nacional provocada pela menor produtividade, seja no Nordeste e mesmo no Sul do país, propiciaram a manutenção de preços no mercado, no período.

Se por um lado a safra sulista chega ao final de sua comercialização, o Nordeste continua em plena safra. No maio entra no mercado a produção paulista e do Cerrado, o que deve fazer com que a oferta da produção nacional se eleve, conforme aponta a revista HfBrasil/Cepea.

Em relação ao mercado internacional, os estoques dos principais países exportadores continuam baixos, situação que ocorre desde meados de 2018. Um reflexo positivo para a produção brasileira e catarinense foram preços acima do custo de produção e com boa estabilidade.

No mês de abril, os produtores catarinenses comercializaram a cebola com preço médio de R\$ 1,77/kg, de acordo com levantamento de campo da Epagri/Cepa.

No mercado atacadista, na Ceasa/SC-USJ, no mês de abril os preços variaram de R\$ 2,00/kg a R\$ 2,50/kg, praticamente mantendo o patamar de preços ocorrido no mês de março.

Na Ceagesp/SP, maior central de abastecimento brasileira, no mês de abril o preço da cebola média nacional teve pequena baixa em relação ao preço praticado no final do mês de março, caindo de R\$ 3,14/kg para R\$ 3,06/kg na última semana de abril, redução de 2,55%.

Já o mês de maio iniciou com mais redução do preço no atacado. No dia 03/05/19 a cebola média nacional foi vendida a R\$ 2,96/kg.

A cebola importada argentina, que no final de março teve preço de atacado de R\$ 3,66/kg, fechou o mês de abril a R\$ 3,36/kg, redução de 8,93% no período. Nova redução de preço ocorreu no início de maio, sendo que no dia 03 o preço médio foi de R\$ 2,78/kg, redução de 24,04% em relação a março.

Apenas para registro histórico, apresentamos abaixo a evolução das exportações brasileiras de cebola, que do ponto de vista do volume e valores não são expressivos, mas em 2018, para regiões produtivas de São

Paulo, foram uma alternativa importante para escoar o excesso de oferta pontual, que atingiram 21,75 mil toneladas, com faturamento de US\$ 3,4 milhões.

No primeiro quadrimestre de 2019, o volume atinge apenas pouco mais de 116 toneladas, porém o valor por kg é o maior dos últimos 4 anos, chegando a mais de US\$ 1,00/kg.

Tabela 13. Cebola – Brasil: exportações – 2015-18 e jan. a abr.-2019			
Ano	Valor - US\$	Quantidade - kg	Valor médio - US\$/kg
2015	1.730.100	4.856.280	0,356
2016	4.924.385	21.816.192	0,225
2017	2.287.941	12.278.519	0,186
2018	3.421.211	21.752.409	0,157
2019	127.679	116.355	1,097

Fonte: Comexstat/MDIC – maio/2019.

As importações brasileiras no mês de abril foram de pouco mais de 51 mil toneladas, quantidade bem superior ao mesmo mês de 2018, quando foram importadas 37,3 mil toneladas, crescimento de 27,85%.

Comparando-se os dois primeiros quadrimestres de 2018 e 2019, as curvas são semelhantes, porém em 2019, os volumes importados são maiores, como pode ser visto no gráfico abaixo.

Segundo a Aprocsc, o crescimento do volume importado nos últimos dois meses teve impacto no mercado, prejudicando o ritmo de comercialização da safra catarinense em sua fase final, o que levou a associação a manifestar às autoridades governamentais suas preocupações com a situação da cadeia produtiva.

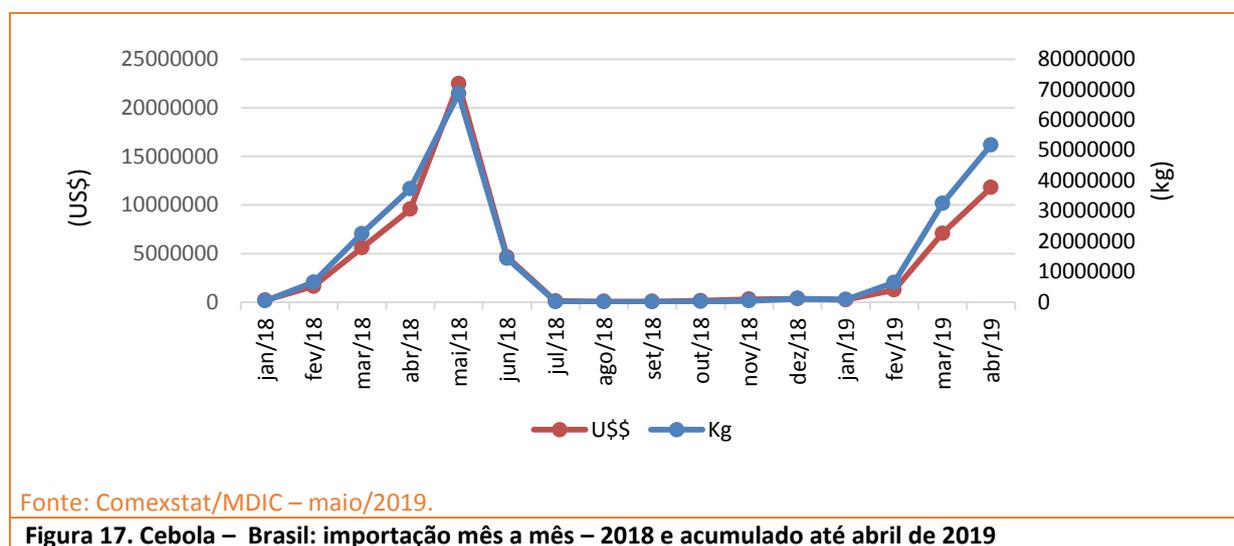
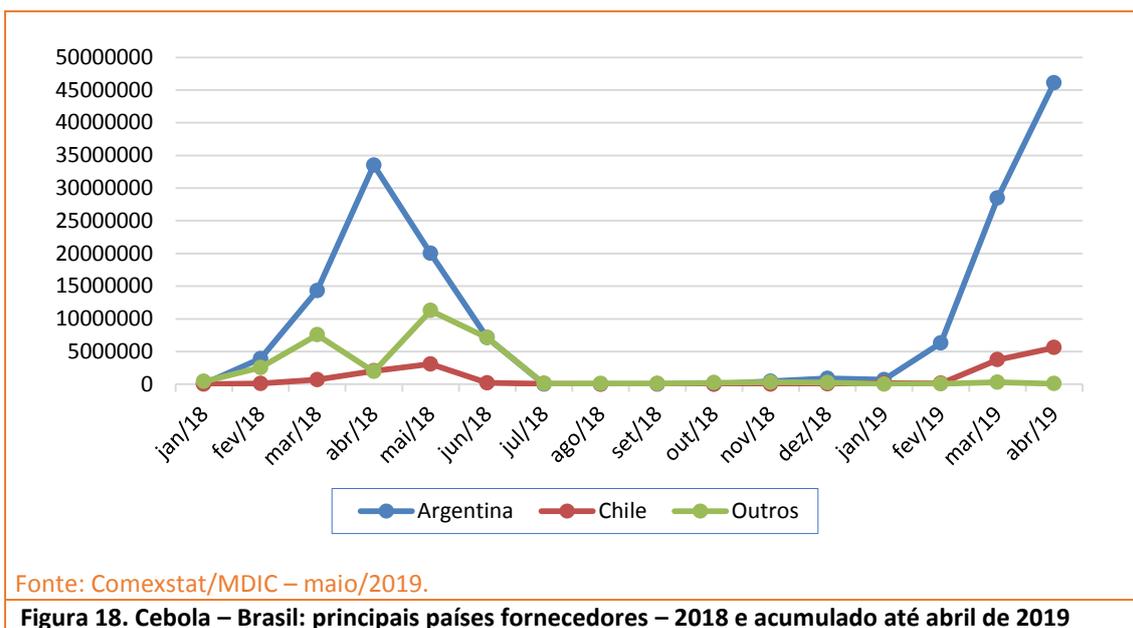


Figura 17. Cebola – Brasil: importação mês a mês – 2018 e acumulado até abril de 2019

Nos meses de março e abril ocorreu uma recuperação de preços (FOB), cuja redução ocorria desde o final de 2018. Após atingir o menor valor em fevereiro, com US\$ 0,19/kg, no mês de março o preço FOB da cebola importada pelo Brasil foi de US\$ 0,218/kg, atingindo US\$ 0,22/kg em abril.



**Figura 18. Cebola – Brasil: principais países fornecedores – 2018 e acumulado até abril de 2019**

No mês de abril, as importações argentinas tiveram grande crescimento, como pode ser visto na figura 18. O volume importado daquele país foi de 46,1 mil toneladas, significando 37,61% de crescimento em relação ao mesmo mês de 2018. Este volume correspondeu a 89,06% do total importado pelo Brasil nesse mês. Como segundo fornecedor tivemos o Chile, com 5,58 mil toneladas, significando 10,8%, e outros países com 0,14%.

# Pecuária

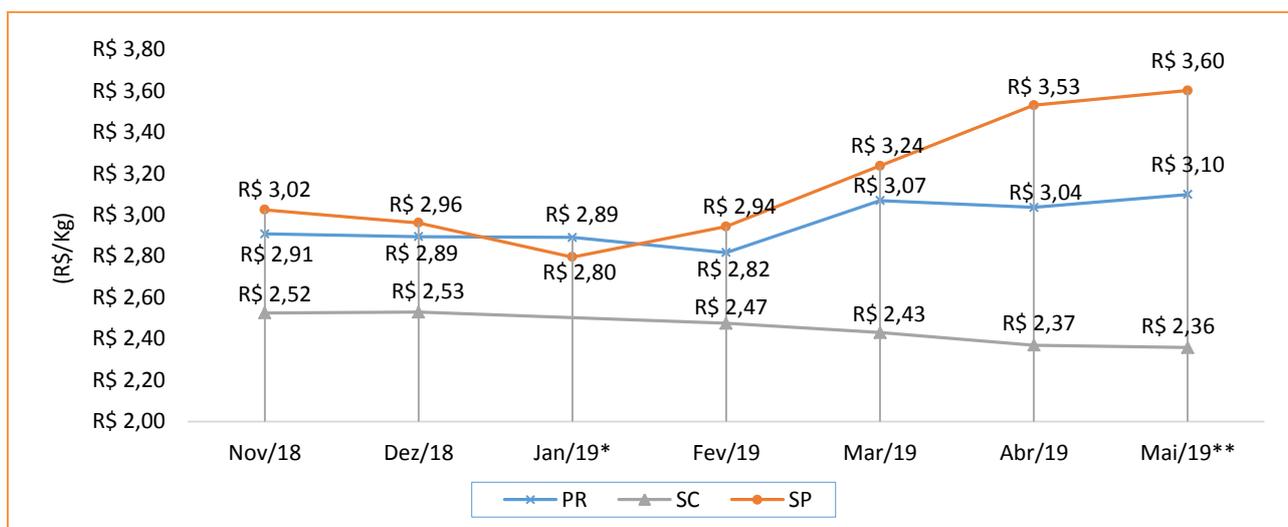
## Avicultura

Alexandre Luís Giehl  
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa  
[alexandre.giehl@epagri.sc.gov.br](mailto:alexandre.giehl@epagri.sc.gov.br)

### Preços nacionais e estaduais

Em maio, dos três estados cujo preço do frango vivo é acompanhado no âmbito do Boletim Agropecuário, dois registraram variação positiva. A alta mais significativa é observada no Paraná, onde a média preliminar de maio está 2,06% acima do mês anterior. Em São Paulo, os preços mantiveram sua trajetória de ascensão, embora esse movimento tenha perdido força quando comparado aos meses anteriores: em maio, a alta é de 2,01%, ante quase 10% em março e abril. Em Santa Catarina, os preços seguem em queda, situação que vem sendo observada desde o início deste ano. O valor atual é 0,48% inferior ao registrado em abril.

Na comparação entre os preços atuais com aqueles praticados em maio de 2018, as diferenças são bastante expressivas em São Paulo (60,41%) e Paraná (23%). Em Santa Catarina, por sua vez, a variação foi de apenas 3,19%, abaixo da inflação acumulada nos últimos 12 meses, que foi de 4,94%, de acordo com o IPCA/IBGE.



(<sup>1</sup>) Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da agroindústria.

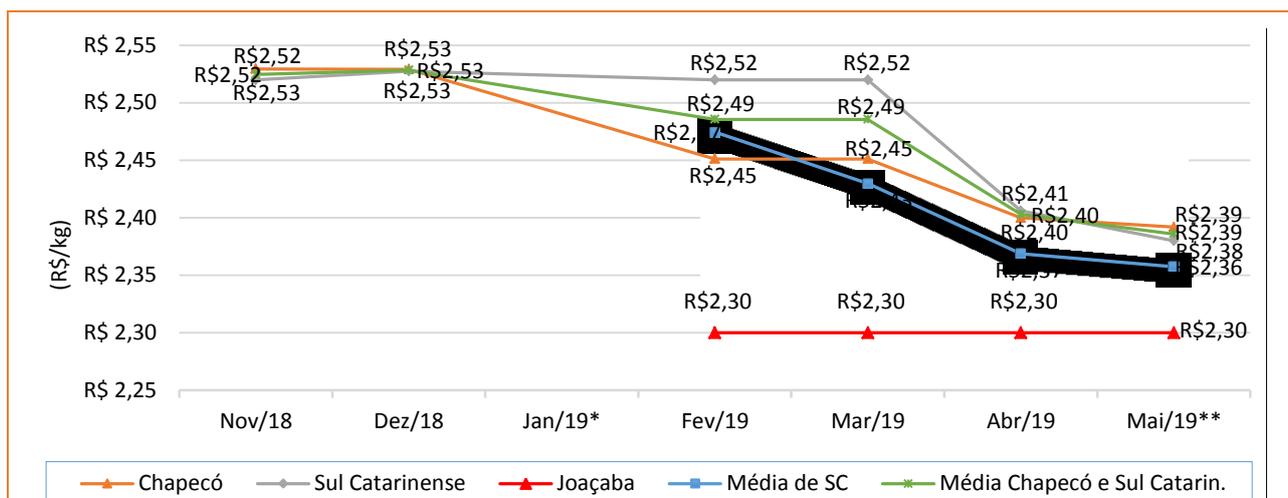
\* Valores não disponíveis para o mês de janeiro em SC.

\*\* Os valores de maio são preliminares, relativos ao período de 02 a 14/mai./2019.

Fonte: Epagri/Cepa (SC); IEA (SP); SEAB (PR).

**Figura 19. Frango vivo – Santa Catarina, São Paulo e Paraná: preço médio nominal<sup>(1)</sup> mensal pago aos avicultores – 2018/2019**

Em quase todas as praças catarinenses predominam os movimentos de queda nos últimos meses, com exceção de Joaçaba, onde não houve variação desde o início da coleta de dados naquela região, em fevereiro deste ano. A variação entre abril e maio é de -0,34% em Chapecó e -1,08% no Sul Catarinense, enquanto a média estadual caiu 0,48%.



(<sup>1</sup>) Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da indústria.

\* Valores não disponíveis para o mês de janeiro.

\*\* Os valores de maio são preliminares, relativos ao período de 02 a 14/mai./2019.

Fonte: Epagri/Cepa.

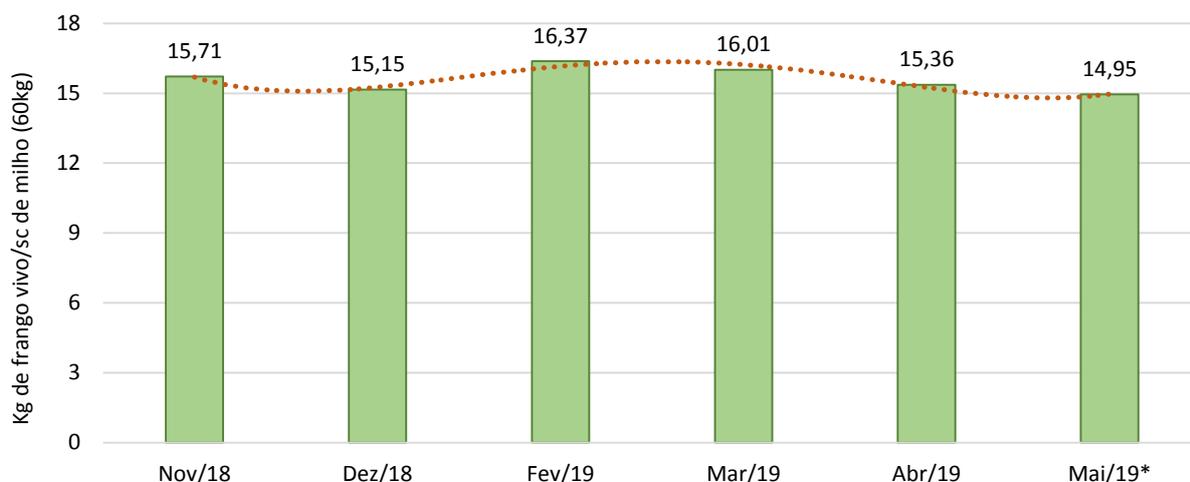
**Figura 20. Frango vivo – Santa Catarina: preço médio nominal<sup>(1)</sup> pago aos avicultores em três praças distintas, média estadual e média das praças de Chapecó e Sul Catarinense – 2018/2019**

### Insumos e custos

Em abril, o Índice de Custos de Produção de Frangos (ICPFrango), elaborado pela Embrapa Suínos e Aves, apresentou queda de 2,41% em relação ao mês anterior. Essa variação negativa foi decorrente tanto da redução nos custos da nutrição (-1,29%), quanto dos pintos de 1 dia (-1,14%). Nos últimos 12 meses, a variação do índice é de -3,67%.

As despesas com alimentação caíram, principalmente, pelas consecutivas quedas no preço do milho observadas nos últimos meses, já que esse produto é o principal componente das rações animais. O comportamento dos preços do milho, por sua vez, deve-se aos bons resultados projetados para a atual safra. De acordo com o 8º Levantamento da Safra 2018/19, elaborado pela Conab, este ano devem ser colhidas cerca de 95,3 milhões de toneladas de milho, crescimento de 18% em relação ao ciclo anterior.

Em maio, pelo terceiro mês consecutivo a equivalência insumo-produto apresentou queda. Até o momento, a variação é de -3,56% em relação ao mês anterior e de -16,99% na comparação com maio de 2018. O resultado é decorrente, principalmente, da queda no preço do milho (-3,02%) e só não foi maior por conta do preço do frango vivo, que também caiu (-0,34%).



Para cálculo da relação de equivalência insumo/produto utiliza-se os preços do frango vivo (ao produtor) e do milho (atacado) na praça de Chapecó, SC. Não há dados disponíveis para o mês de janeiro/2019.

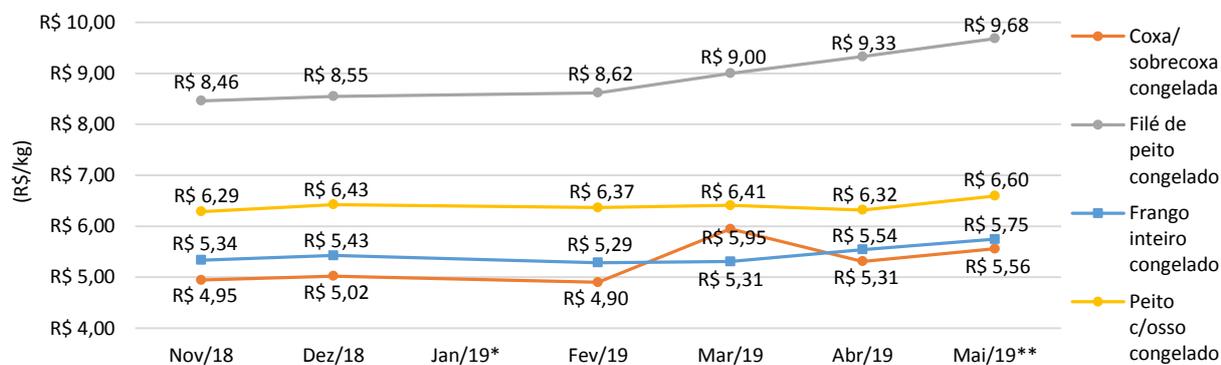
\* O valor de maio é preliminar, relativo ao período de 02 a 14/mai./2019.

Fonte: Epagri/Cepa.

**Figura 21. Frango vivo – Santa Catarina: quantidade necessária para adquirir um saco de milho – 2018/2019**

### Atacado

Depois de algumas quedas em abril, em maio predominam os movimentos de alta no mercado atacadista, com variações positivas nos preços preliminares de todos os cortes acompanhados: coxa/sobrecoxa congelada (4,67%), peito com osso congelado (4,38%), filé de peito congelado (3,81%) e frango inteiro congelado (3,65%). Na média, os quatro cortes estão 4,13% mais caros que no mês anterior.



\* Valores não disponíveis para o mês de janeiro.

\*\* Os valores de maio são preliminares, relativos ao período de 02 a 14/mai./2019.

Fonte: Epagri/Cepa.

**Figura 22. Carne de frango – Santa Catarina: atacado – preço médio mensal estadual – 2018/2019**

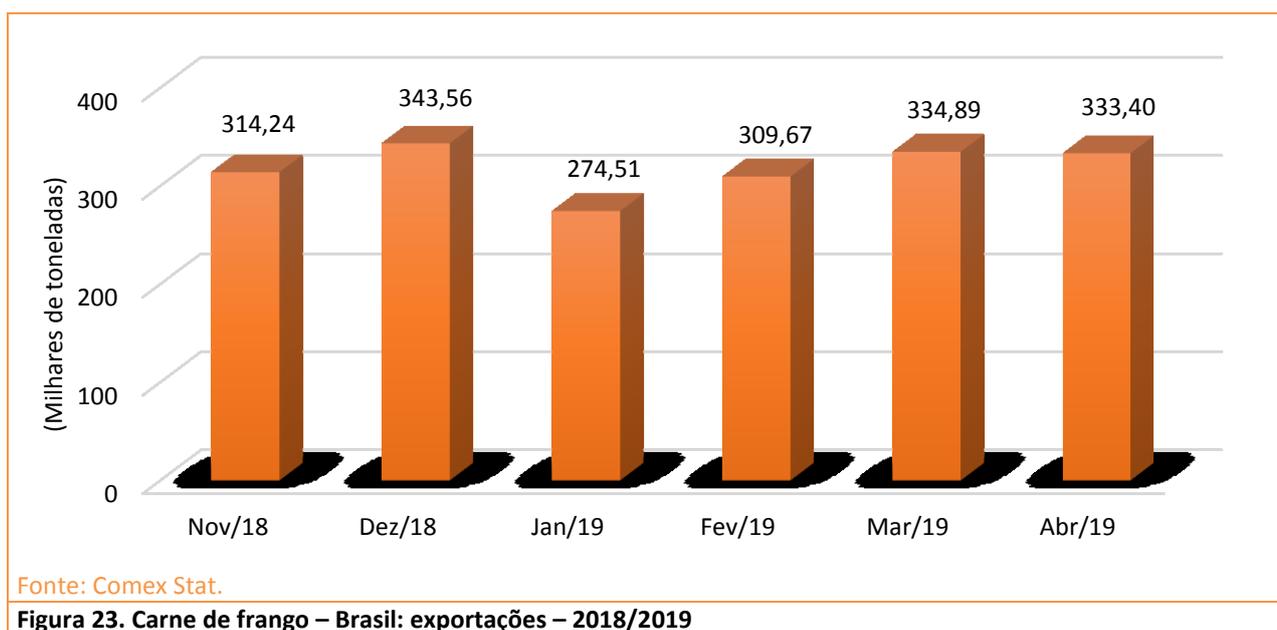
Na comparação entre os preços atuais e aqueles praticados em maio de 2018, todos os quatro cortes registram altas expressivas: filé de peito congelado (42,51%), coxa/sobrecoxa congelada (40,62%), peito com osso congelado (38,33%) e frango inteiro congelado (33,60%). A variação média é de 38,77%, ante uma inflação de 4,94% nos últimos 12 meses.

De acordo com o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea/Esalq), os preços das carnes de frango resfriada e congelada no atacado da Grande São Paulo subiram mais de 5% em abril.

Esse cenário é decorrente, principalmente, do ajuste entre oferta e demanda, em função da queda na produção de carne de frango, além do repasse ao consumidor da elevação dos custos de produção verificada ao longo de 2017 e 2018 e da recuperação parcial das margens de lucro das agroindústrias.

### Exportações

O Brasil exportou **333,40 mil toneladas** (*in natura* e industrializada) em abril, **queda de 0,45%** em relação ao mês anterior. Por outro lado, na comparação com abril de 2018, a variação é significativamente positiva: **34,86%**.



**Figura 23. Carne de frango – Brasil: exportações – 2018/2019**

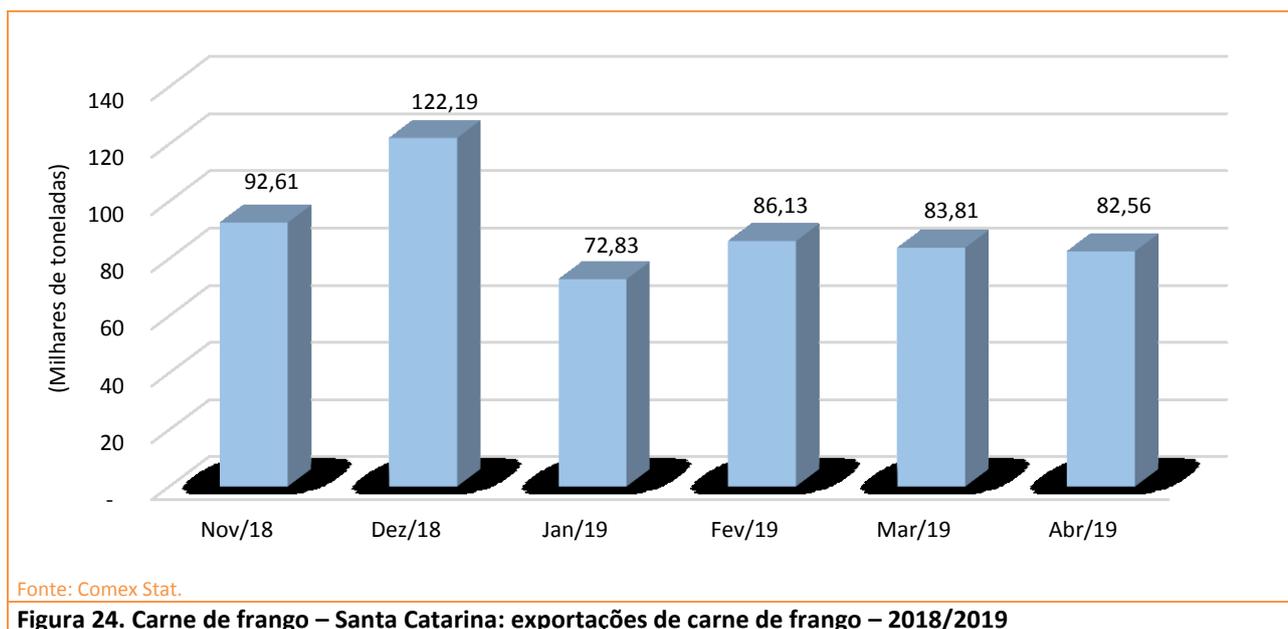
O faturamento com as exportações de carne de frango em abril foi de **US\$ 557,30 milhões**, o que representa uma pequena **queda de 0,12%** em relação a março. Na comparação com abril de 2018, no entanto, registra-se crescimento de **39,87%**.

Os principais destinos das exportações brasileiras de carne de frango em abril foram China, Arábia Saudita, Japão, Emirados Árabes Unidos e Hong Kong, que responderam por 52,77% das receitas do período.

As exportações do 1º quadrimestre atingiram a marca de **1,25 milhão de toneladas**, com faturamento de **US\$ 2,08 bilhões**. Em relação ao mesmo período de 2018, registra-se aumento de 4,79% em receitas e 0,58% em quantidade.

Em abril, Santa Catarina exportou **82,56 mil toneladas** de carne de frango (*in natura* e industrializada), **queda de 1,49%** em relação a março e aumento de **38,12%** na comparação com abril de 2018.

O faturamento foi de **US\$ 149,01 milhões**, **queda de 1,69%** em relação a março, mas crescimento de **40,91%** quando comparado a abril de 2018.



**Figura 24. Carne de frango – Santa Catarina: exportações de carne de frango – 2018/2019**

No 1º quadrimestre, Santa Catarina exportou **325,33 mil toneladas** de carne de frango, com faturamento de **US\$ 580,52 milhões**, o que representa incrementos de **16,50%** e **19,43%** em relação ao mesmo período de 2018, respectivamente.

Santa Catarina foi responsável por 26,74% das receitas brasileiras geradas pela exportação de carne de frango em abril.

Os cinco principais destinos, apresentados na tabela a seguir, responderam por 54,64% do valor exportado pelo estado em abril.

**Tabela 14. Carne de frango – Santa Catarina: principais destinos das exportações – abril/2019**

País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
Japão	25.822.484,00	13.468
Países Baixos (Holanda)	16.240.478,00	6.755
Emirados Árabes Unidos	15.061.485,00	7.733
China	12.869.638,00	7.287
Arábia Saudita	11.501.699,00	6.203
Demais países	67.513.342,00	41.116
<b>Total</b>	<b>149.009.126,00</b>	<b>82.562</b>

Fonte: Comex Stat.

Todos os dez principais destinos da carne de frango catarinense em abril apresentaram variação positiva em relação ao mesmo mês do ano anterior. Destacam-se o Japão, principal importador, que registrou aumento de 51,05% em valor e 40,45% em quantidade, além da Holanda, com variações de 66,56% e 95,92%, respectivamente, e Emirados Árabes Unidos, com 73,12% e 71,91%. Também merece menção a Rússia, 10ª colocada no ranking de abril, que ampliou em 1.094,45% o valor e 822,33% a quantidade adquirida de Santa Catarina no período analisado.

No caso de China e Hong Kong, embora as variações tenham sido positivas, os valores foram muito inferiores aos mencionados anteriormente, com crescimentos de 2,77% e 0,30%, respectivamente, em termos de quantidade. Não obstante esse fraco desempenho, a China segue ampliando suas aquisições de carne de frango, principalmente em decorrência do surto de peste suína africana que afeta aquele país desde agosto de 2018, com redução na oferta de proteínas de origem animal. As exportações catarinenses

de frango para China e Hong Kong no primeiro quadrimestre somaram 45,47 mil toneladas, perfazendo US\$ 79,83 milhões em receitas, o que representa incrementos de aproximadamente 14% em relação ao mesmo período do ano anterior.

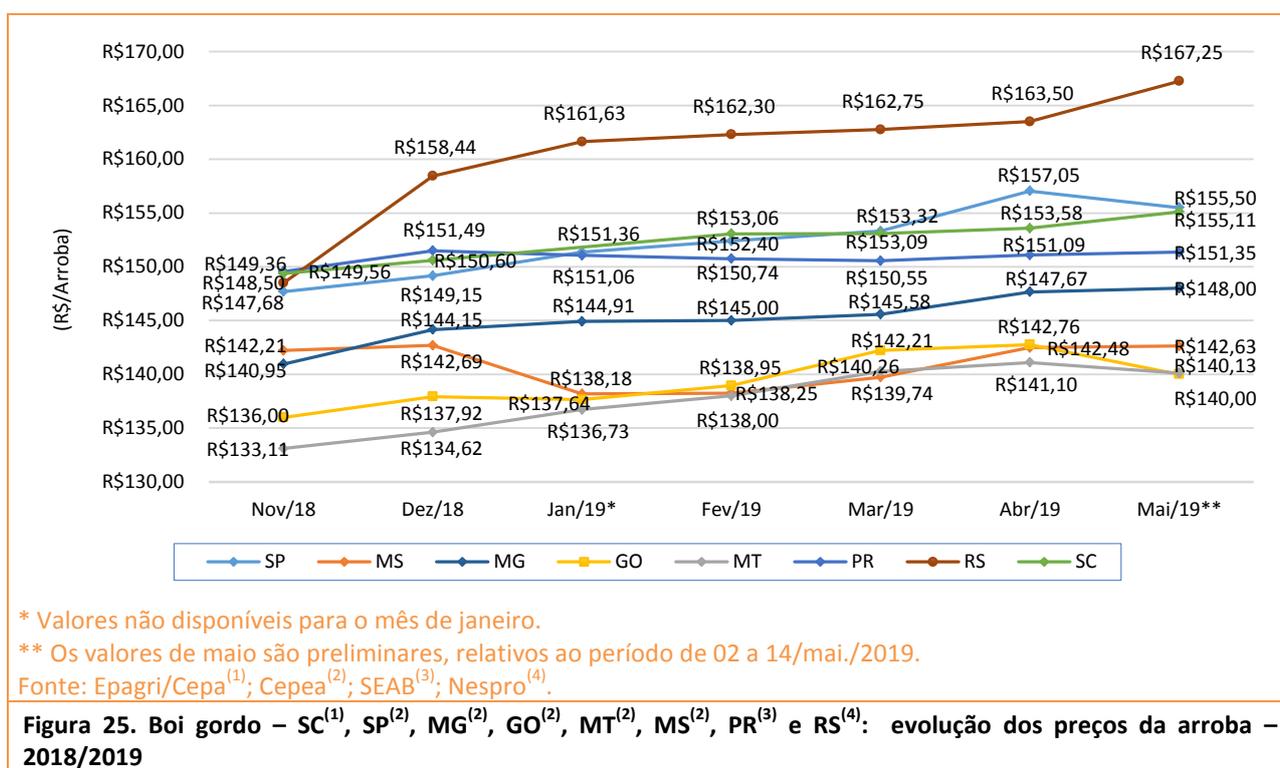
Por outro lado, chama a atenção a queda de 88,29% nos embarques para o México. Em abril de 2018, esse país foi o 7º principal destino do frango catarinense, enquanto no mês passado ocupou apenas a 28ª posição. Nos últimos meses, o México reduziu as compras de carne de frango do Brasil, o que causa certa estranheza, uma vez que em novembro do ano passado 26 novas plantas frigoríficas foram habilitadas a exportar carne de frango para aquele país. Esse cenário fez com que o setor criasse expectativas bastante positivas, que, até o momento, não se concretizaram.

## Bovinocultura

Alexandre Luís Giehl  
Engenheiro agrônomo – Epagri/Cepa  
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

### Preços nacionais e estaduais

O mercado do boi gordo manteve-se relativamente estável nas primeiras semanas de maio, registrando tanto variações positivas, quanto negativas de baixa intensidade. Os preços preliminares do mês corrente registram queda em relação a abril nos seguintes estados analisados: Goiás (-1,93%), São Paulo (-0,99%) e Mato Grosso (-0,69%). Os estados que apresentaram altas foram: Rio Grande do Sul (2,29%), Santa Catarina (0,96%), Minas Gerais (0,23%), Paraná (0,17%) e Mato Grosso do Sul (0,10%).



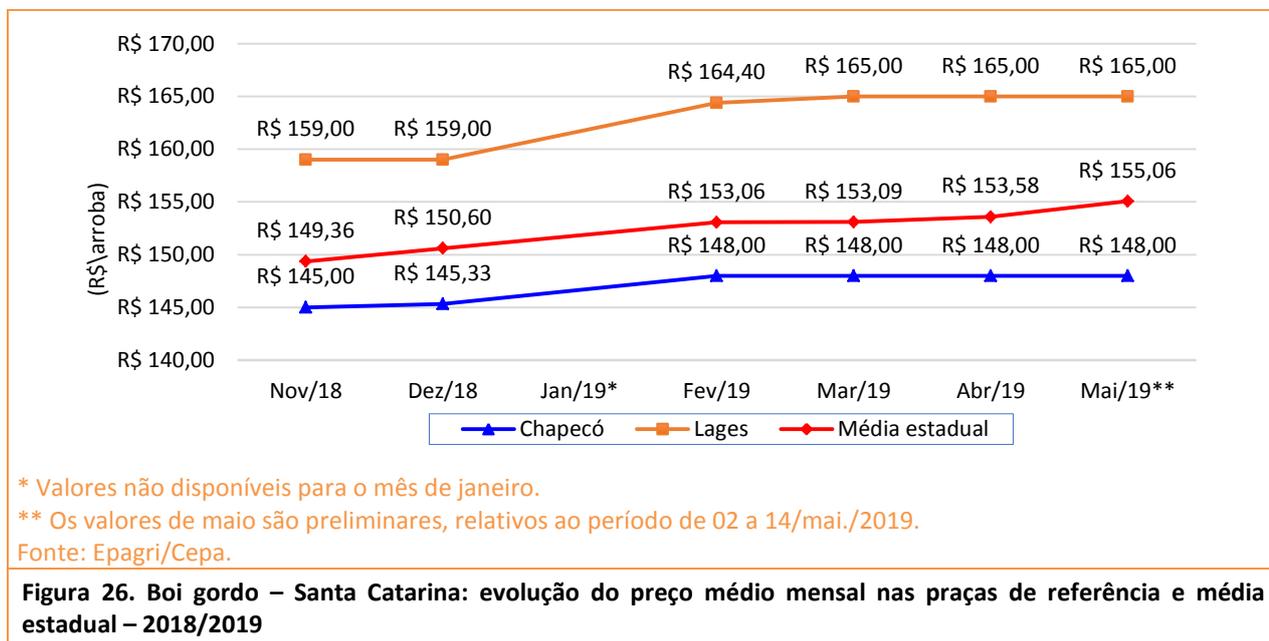
**Figura 25. Boi gordo – SC<sup>(1)</sup>, SP<sup>(2)</sup>, MG<sup>(2)</sup>, GO<sup>(2)</sup>, MT<sup>(2)</sup>, MS<sup>(2)</sup>, PR<sup>(3)</sup> e RS<sup>(4)</sup>: evolução dos preços da arroba – 2018/2019**

Na comparação entre os valores atuais e aqueles praticados em maio de 2018, as variações são positivas em todos os estados: 14,77% em Minas Gerais, 12,09% em Goiás, 11,63% no Mato Grosso do Sul, 11,56% em São Paulo, 8,56% no Paraná, 8,38% no Mato Grosso, 7,63% no Rio Grande do Sul e 5,75% em Santa Catarina. Embora os percentuais de variação tenham sido bastante distintos entre os estados, todos estão acima da inflação acumulada nos últimos 12 meses, que foi de 4,94% (IPCA/IBGE).

As boas condições das pastagens têm propiciado uma maior retenção de bois gordos, o que limita a disponibilidade de animais e mantém as cotações firmes, com tendência predominante de alta. Além disso, a demanda do mercado externo segue alta e ajuda a manter os preços num patamar razoável. Contudo, a oferta de animais terminados tende a aumentar à medida que diminuem as chuvas no Centro-Sul do país. As eventuais variações de preços decorrentes do aumento de oferta dependerão das exportações que, ao que tudo indica, devem se manter elevadas nos próximos meses.

Os preços do boi gordo nas duas praças de referência em Santa Catarina (Chapecó e Lages) mantiveram-se estáveis entre março e abril, conforme apresentado no gráfico a seguir. A média estadual registrou alta de 0,96% nesse período, dando sequência ao movimento de ascensão observado desde novembro do ano passado. Quando se comparam os preços atuais com aqueles praticados em maio de 2018, a variação é de

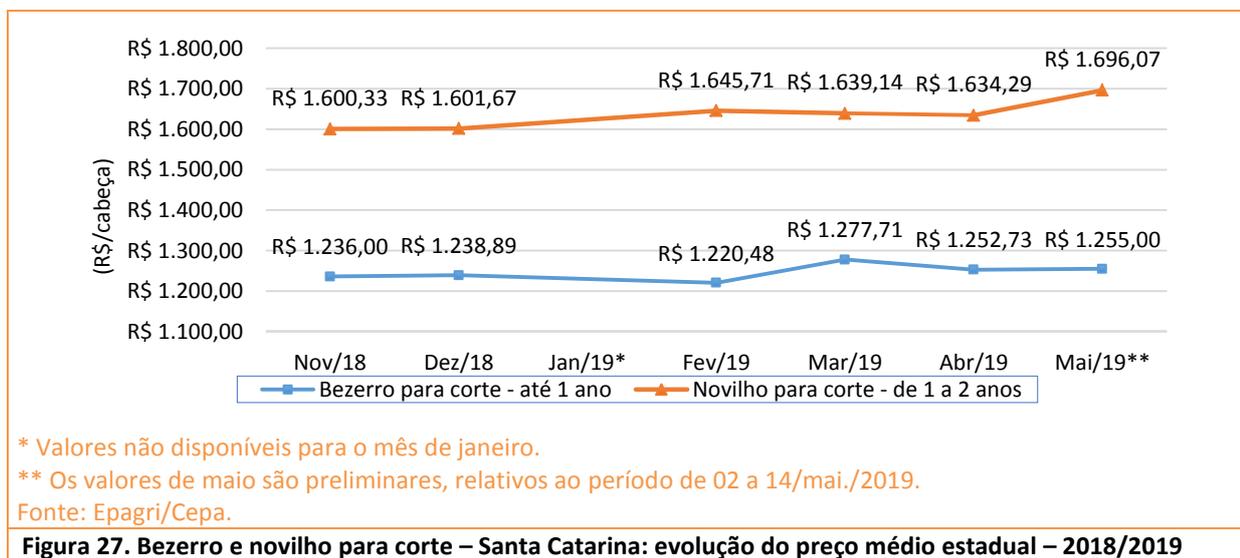
6,86% em Chapecó e 5,77% em Lages, enquanto a média estadual variou 5,75%<sup>6</sup>. Ou seja, todos acima da inflação do período.



**Figura 26. Boi gordo – Santa Catarina: evolução do preço médio mensal nas praças de referência e média estadual – 2018/2019**

### Insumos e custos

Os preços dos animais de reposição, que apresentaram leves baixas em abril, voltaram a registrar altas em maio. Os bezerros para corte de até 1 ano tiveram variação no preço de apenas 0,18%. No caso dos novilhos de 1 a 2 anos, contudo, a variação é bem mais significativa: aumento de 3,78% em relação ao mês anterior.



**Figura 27. Bezerro e novilho para corte – Santa Catarina: evolução do preço médio estadual – 2018/2019**

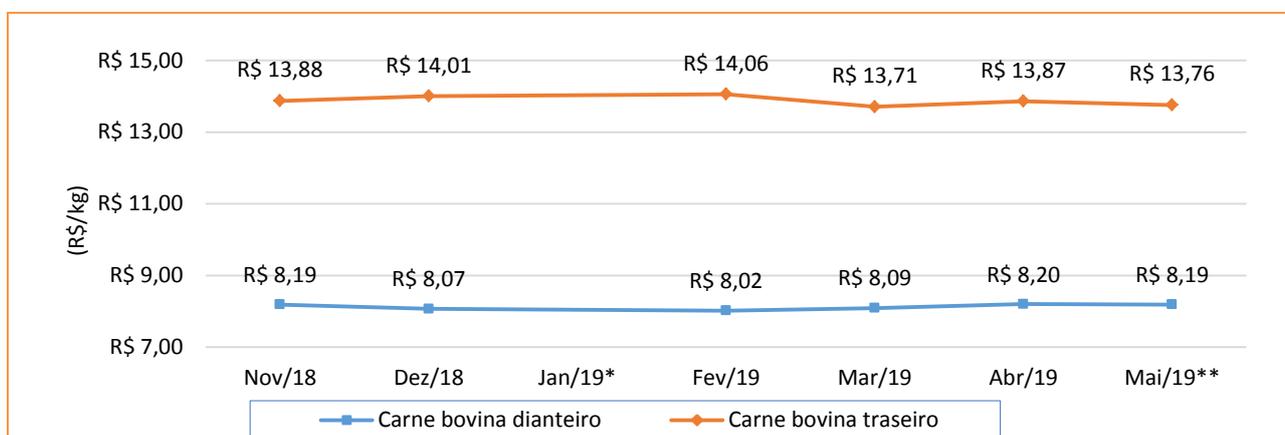
<sup>6</sup> Em 2018 ampliou-se o número de praças de coleta de preços do boi gordo de 8 para 10, o que afeta a comparação entre os valores atuais e os anos anteriores. De qualquer forma, ao calcularmos a variação do preço médio estadual sem as duas novas praças (Caçador e Florianópolis), a variação entre maio de 2018 e maio de 2019 é de 4,86%.

Nos últimos meses, as condições climáticas favoráveis resultaram em pastagens de melhor qualidade, o que, somado aos preços estáveis do boi gordo e ao crescimento das exportações, elevaram a demanda por animais de reposição. Nesse cenário, os preços devem se manter firmes nos próximos meses, com alguma possibilidade de crescimento. A alta na demanda também foi favorecida pela queda no preço do milho, o que estimula os confinadores a investir na atividade.

### Atacado

Os dois principais cortes acompanhados pela Epagri/Cepa mantêm-se relativamente estáveis em maio, na comparação com abril, embora registrem leves variações negativas. De acordo com os dados preliminares, o preço da carne de traseiro apresenta queda de 0,75%, enquanto a carne de dianteiro caiu 0,14% até o momento.

Quando se comparam os valores atuais com aqueles praticados em maio de 2018, verificam-se variações de apenas 3,06% na carne de dianteiro e 0,29% na carne de traseiro, ante uma inflação de 4,94% nesse mesmo período.



\* Valores não disponíveis para o mês de janeiro.

\*\* Os valores de maio são preliminares, relativos ao período de 02 a 14/mai./2019.

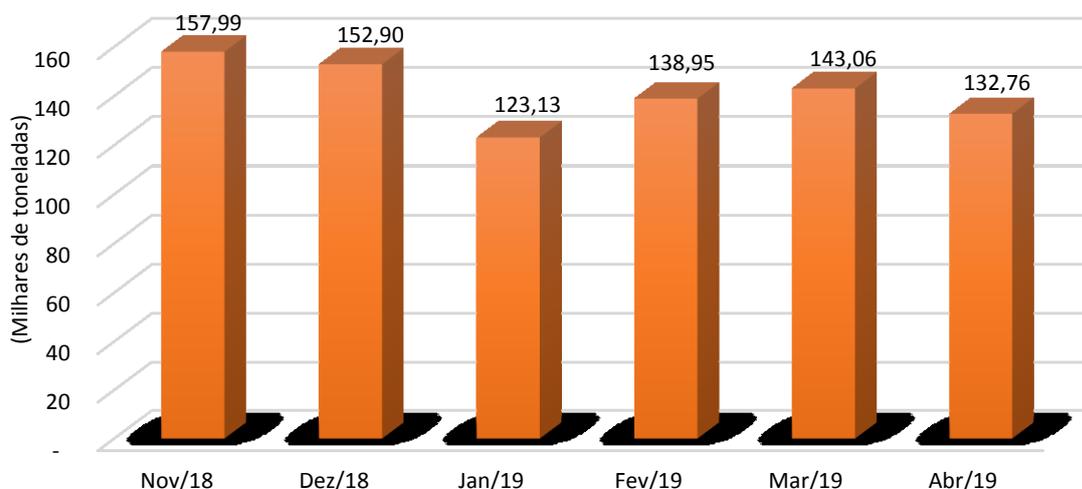
Fonte: Epagri/Cepa.

**Figura 28. Carne bovina – Santa Catarina: atacado – preço médio mensal estadual de dianteiro e traseiro – 2018/2019**

Segundo relatório divulgado pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea/Esalq), a alta nas exportações de carne bovina impulsionou o preço da carne de dianteiro no início do ano, que registrou aumento de 25% em São Paulo. Por outro lado, o preço do traseiro bovino caiu 10,94% em 2019, informa o Cepea, enquanto a carcaça registra alta de apenas 0,65% no ano. Além do mercado externo, esse cenário está relacionado com a atual situação econômica do país e o perfil de consumo adotado por grande parte da população em momentos assim, como a predileção por cortes menos nobres, que causam um menor impacto na renda média.

### Exportações

Em abril, o Brasil exportou **132,76 mil toneladas** de carne bovina (*in natura*, industrializada e miudezas), **queda de 7,20%** em relação ao mês anterior. No entanto, na comparação com abril de 2018, registra-se aumento bastante significativo nos embarques: **53,54%**.



Fonte: Comex Stat.

**Figura 29. Carne bovina – Brasil: exportações – 2018/2019**

O faturamento de abril foi de **US\$ 500,84 milhões**, queda de **5,41%** em relação à março e aumento de **43,62%** quando comparado a abril de 2018.

Os cinco principais destinos da carne bovina brasileira, apresentados na tabela a seguir, responderam por 57,47% das receitas e 57,67% do volume embarcado em abril.

**Tabela 15. Carne bovina – Brasil: principais destinos das exportações – abril/2019**

País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
China	100.844.979,00	21.432
Hong Kong	78.575.292,00	25.455
Emirados Árabes Unidos	39.824.666,00	11.007
Irã	34.989.606,00	9.989
Chile	33.620.315,00	8.687
Demais países	212.987.517,00	56.192
<b>Total</b>	<b>500.842.375,00</b>	<b>132.762</b>

Fonte: Comex Stat.

Depois de resultados negativos no mês anterior, em abril China e Hong Kong, os dois principais importadores da carne brasileira, voltaram a registrar variações positivas. Em quantidade, as importações da China cresceram 49,63% em relação ao mesmo mês de 2018, enquanto Hong Kong ampliou em 21,77% o volume importado. Juntos, China e Hong Kong respondem por pouco mais de 35% das exportações brasileiras de carne bovina em abril.

Outros destaques positivos no período foram Emirados Árabes Unidos (crescimento de 798,46% em valor e 803,40% em quantidade), Irã (182,20% e 220,56%, respectivamente) e Rússia (876,11% e 1.078,65%)<sup>7</sup>.

<sup>7</sup> No que diz respeito à Rússia, a comparação é feita com o período em que vigorava a suspensão das importações de carne bovina por parte daquele país, que perdurou de dezembro de 2017 a novembro de 2018, o que explica essa variação tão significativa. Nesse período, o Brasil exportou para a Rússia apenas produtos não abrangidos pelo embargo, como é o caso de algumas miudezas bovinas.

Dentre os principais destinos, o único que apresentou variação negativa em abril foi o Chile, com -23,55% em valor e -17,86% em quantidade. Essa situação tem sido recorrente nos últimos quatro meses.

No 1º quadrimestre deste ano foram exportadas **537,90 mil** toneladas de carne bovina, **11,73%** mais que no mesmo período do ano anterior. O faturamento foi de **US\$ 2,01 bilhões**, **3,20%** acima do que foi registrado no 1º quadrimestre de 2018. China e Hong Kong foram responsáveis por 38,78% do montante e 40,01% do valor exportado pelo país no período.

Segundo alguns analistas, o crescimento das importações chinesas deve-se à redução da oferta de proteínas de origem animal naquele país, em decorrência do surto de peste suína africana que afeta o país desde agosto de 2018.

De acordo com o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), em breve a China deve habilitar novos frigoríficos brasileiros para a exportação de carne bovina para aquele país. Ainda de acordo com o Mapa, o governo Chinês está analisando os frigoríficos brasileiros que já são habilitados a exportar carne para a União Europeia.

Os dados preliminares do Ministério da Economia, referentes às duas primeiras semanas de maio (7 dias úteis), demonstram que, na comparação com o mês anterior, a média diária de embarques de carne bovina *in natura* aumentou 31,90% em valor e 30,74% em quantidade. Em relação a maio de 2018, o aumento da média diária é ainda mais expressivo: 44,48% em valor e 58,55% em quantidade. Vale mencionar que em maio de 2018 ocorreu a paralisação de caminhoneiros e empresas de transporte, que afetou parcialmente os resultados daquele mês (embora os maiores impactos tenham sido sentidos nas exportações de junho).

Depois dos resultados favoráveis em março, em abril as exportações catarinenses de carne bovina voltaram a registrar variação negativa. Foram exportadas 162 toneladas, queda de 66,06% em relação ao mês anterior e de 61,42% na comparação com abril de 2018. Esse é o menor volume mensal exportado pelo estado desde agosto de 2017. O faturamento de abril foi de US\$ 474 mil, queda de 65,26% em relação a março e de 63,99% na comparação com abril do ano passado.

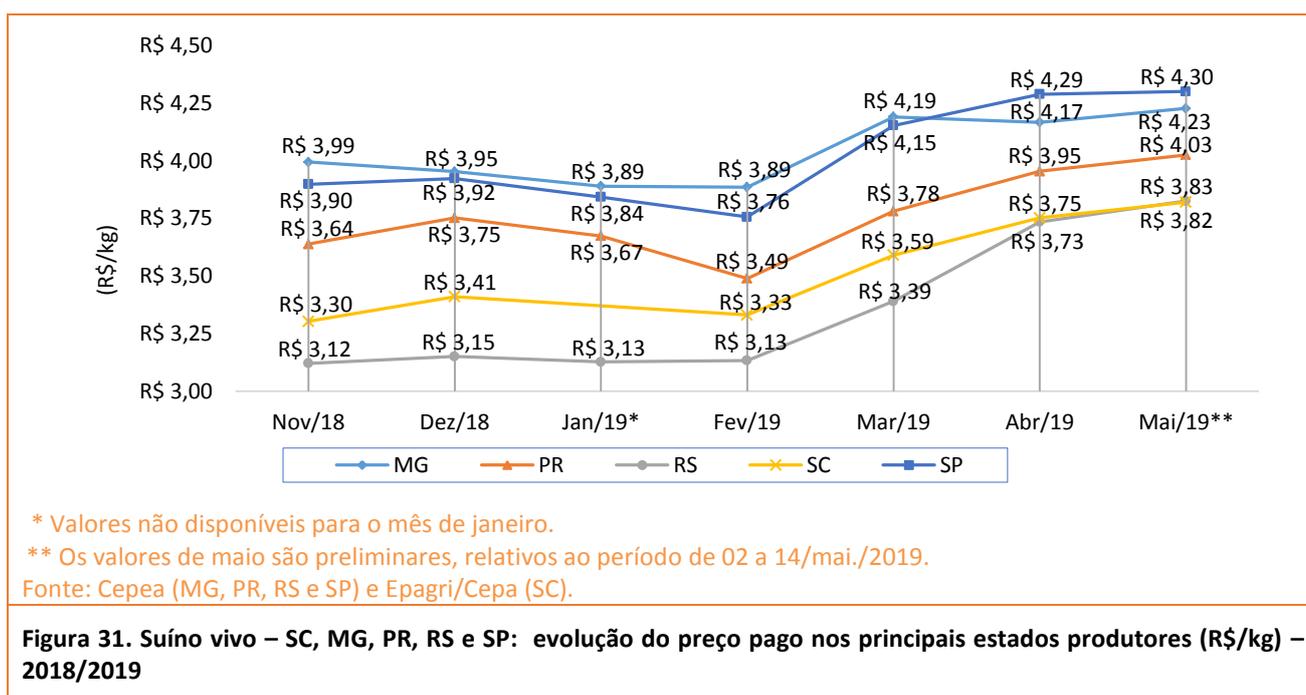
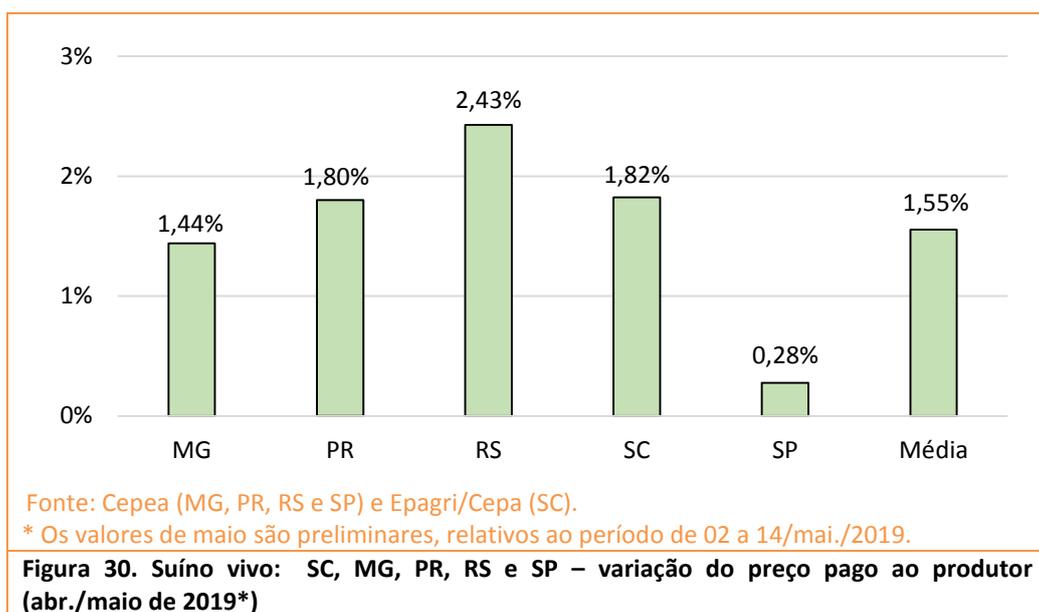
No acumulado do 1º quadrimestre, foram exportadas 1,38 mil toneladas, com faturamento de US\$ 3,94 milhões, queda de 15,61% em quantidade e 27,93% em valor. Hong Kong foi o destino de pouco mais de 58% da carne bovina catarinense exportada este ano.

## Suinocultura

Alexandre Luís Giehl  
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa  
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

### Preços nacionais e estaduais

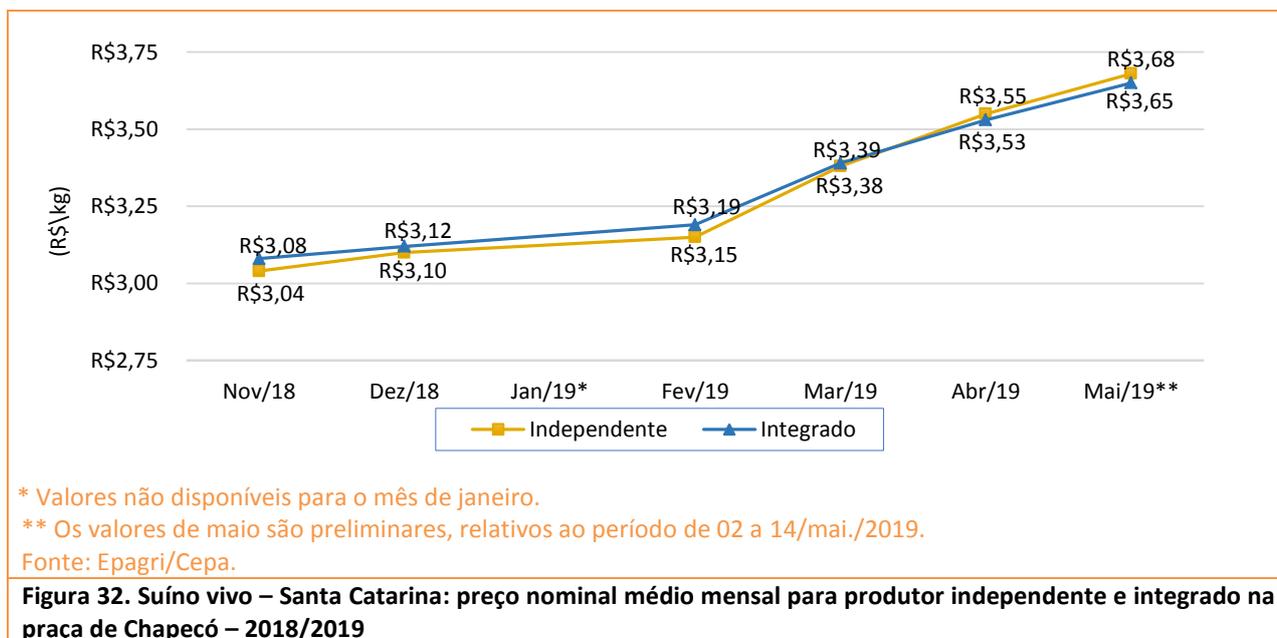
Como vem sendo observado desde março, o mercado de suínos vivos para abate segue com cenário favorável. Nas primeiras semanas de maio registraram-se altas nos preços médios dos cinco estados analisados, quando comparados aos valores praticados no mês anterior. As variações são apresentadas na figura 30.



Na comparação com maio de 2018, as variações também são positivas e bastante expressivas em todos os estados: 44,41% no Paraná, 43,29% em São Paulo, 37,41% em Minas Gerais, 34,37% no Rio Grande do Sul e 30,33% em Santa Catarina. Ou seja, em todos os casos os valores atuais superam a inflação acumulada nos últimos 12 meses, que foi de 4,94%, segundo o IPCA/IBGE.

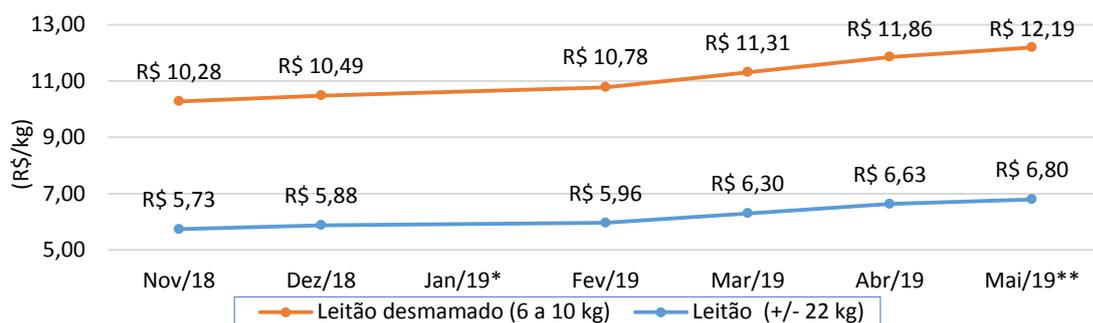
A baixa oferta de animais e a projeção de crescimento das exportações ao longo do ano, em especial para a China, aumentam a possibilidade de manutenção dos atuais patamares de preços. Associado à gradativa redução nos custos de produção observada nos últimos meses, esse cenário deve viabilizar a obtenção de margens positivas no setor. Contudo, conforme afirmou recentemente o presidente da Associação Brasileira de Criadores de Suínos, Marcelo Lopes, “resta saber até que ponto os indicadores socioeconômicos negativos do país, como alto desemprego e redução de renda, vão limitar esta subida dos preços”.

Em Chapecó, praça de referência para os suínos vivos em Santa Catarina, os preços apresentam alta desde novembro de 2018, movimento que se intensificou a partir de março deste ano. Em maio, mantém-se essa tendência, com variação de 3,40% para os produtores integrados e 3,66% para os independentes. Na comparação com maio de 2018, os aumentos são ainda mais expressivos: 19,28% para os produtores integrados e 22,67% para os independentes.



### Insumos e custos

Assim como os animais terminados, os preços dos leitões também seguem apresentado movimento de alta, situação que tem caracterizado o setor nos últimos meses. Em relação a abril, os preços preliminares de maio registraram aumento de 2,84% para os leitões de 6 a 10kg e 2,51% para os leitões na faixa dos 22kg. Na comparação com as médias de maio de 2018, os resultados são bastante expressivos: 24,04% e 23,97%, respectivamente.



\* Valores não disponíveis para o mês de janeiro.

\*\* Os valores de maio são preliminares, relativos ao período de 02 a 14/mai./2019.

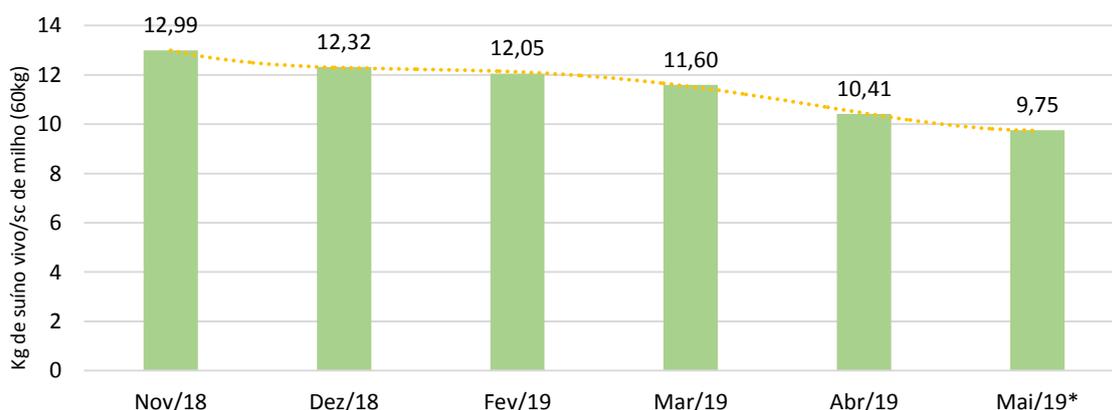
Fonte: Epagri/Cepa.

**Figura 33. Leiteões – Santa Catarina: preço médio mensal por categoria – 2018/2019**

De acordo com a Embrapa Suínos e Aves, em abril o Índice de Custos de Produção de Suínos (ICPSuíno) apresentou queda de 1,54% em relação ao mês anterior, principalmente pela redução nos custos da alimentação animal (-2,19%). Por outro lado, a mão de obra apresentou alta de 0,60%, o que impediu uma variação mais significativa no índice. Nos últimos 12 meses, o ICPSuíno caiu 5,12%.

As despesas com alimentação caíram, principalmente, pelas consecutivas quedas no preço do milho observadas nos últimos meses, já que esse produto é o principal componente das rações animais. O comportamento dos preços do milho, por sua vez, deve-se aos bons resultados projetados para a atual safra. De acordo com o 8º Levantamento da Safra 2018/19, elaborado pela Conab, este ano devem ser colhidas cerca de 95,3 milhões de toneladas de milho, crescimento de 18% em relação ao ciclo anterior.

A relação de equivalência insumo/produto apresenta mais uma queda, dando continuidade ao movimento iniciado no último trimestre de 2018, conforme evidenciado no gráfico a seguir. O valor preliminar de maio é 6,33% menor que abril. Esse resultado é decorrente tanto da queda no preço do milho na praça de Chapecó (-3,02%), quanto da elevação no preço do suíno vivo naquela região (3,53%). Tendo em vista que esses movimentos ainda estão em curso, é provável que a relação de equivalência caia ainda mais ao longo deste mês. Na comparação com maio de 2018, o valor atual é 28,78% menor.



Para o cálculo da relação de equivalência insumo/produto, utiliza-se a média entre o preço para o produtor independente e produtor integrado do suíno vivo. No caso do milho, leva-se em consideração o preço de atacado do produto. Ambos os produtos têm como referência os preços da praça de Chapecó/SC. Não há dados disponíveis para o mês de janeiro.

\* O valor de maio é preliminar, relativo ao período de 02 a 14/mai./2019.

Fonte: Epagri/Cepa.

**Figura 34. Chapecó/SC – Quantidade necessária de suíno vivo para adquirir um saco de milho (60kg) – 2018/2019**

## Atacado

Apesar do aumento no preço do suíno vivo e da perspectiva de crescimento significativo das exportações este ano, por conta da demanda chinesa, os preços de atacado da carne suína ainda não refletem tal cenário. Dos cinco cortes cujo preço é divulgado pela Epagri/Cepa, quatro apresentaram quedas nos valores preliminares de maio, em relação ao mês anterior: carcaça (-6,23%), pernil (-5,32%), carré (-2,27%) e costela (-0,64%). Somente o lombo apresentou variação positiva e, ainda assim, em percentual pouco expressivo: 1,21%.

**Tabela 16. Carne suína – Santa Catarina: preço médio estadual no atacado – 2019**

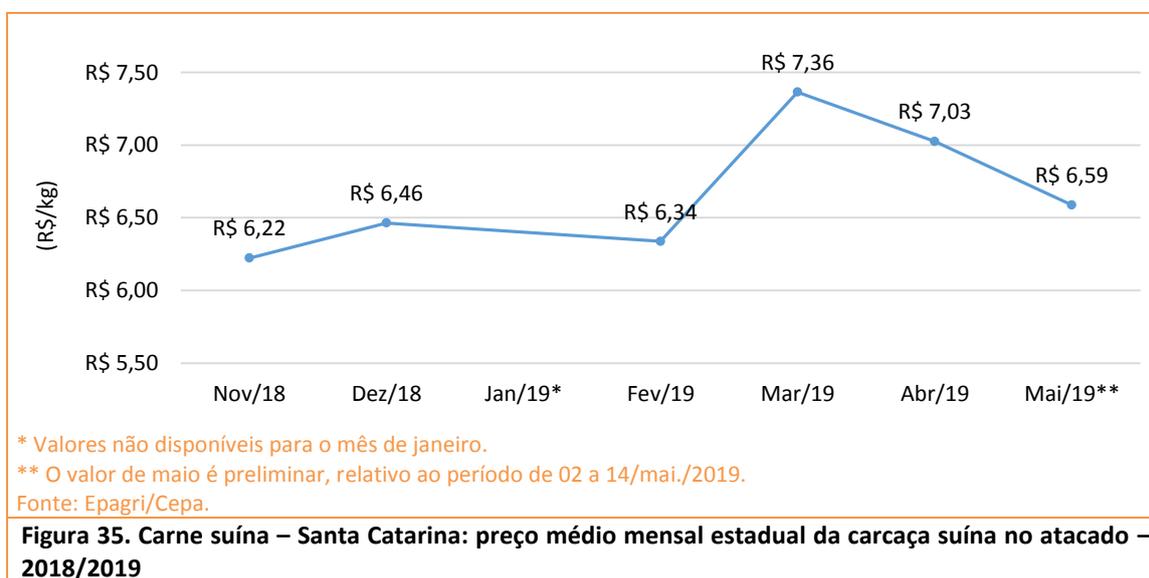
Produto	Março/19	Abril/19	Maió/19 <sup>(1)</sup>
Carré (sem couro)	R\$ 8,99	R\$ 8,61	R\$ 8,42
Costela (sem couro)	R\$ 11,76	R\$ 12,61	R\$ 12,53
Lombo	R\$ 11,80	R\$ 12,56	R\$ 12,72
Carcaça	R\$ 7,36	R\$ 7,03	R\$ 6,59
Pernil (com osso e couro)	R\$ 7,22	R\$ 7,61	R\$ 7,21

<sup>(1)</sup> Os valores de maio são preliminares, relativos ao período de 02 a 14/mai./2019.

Fonte: Epagri/Cepa.

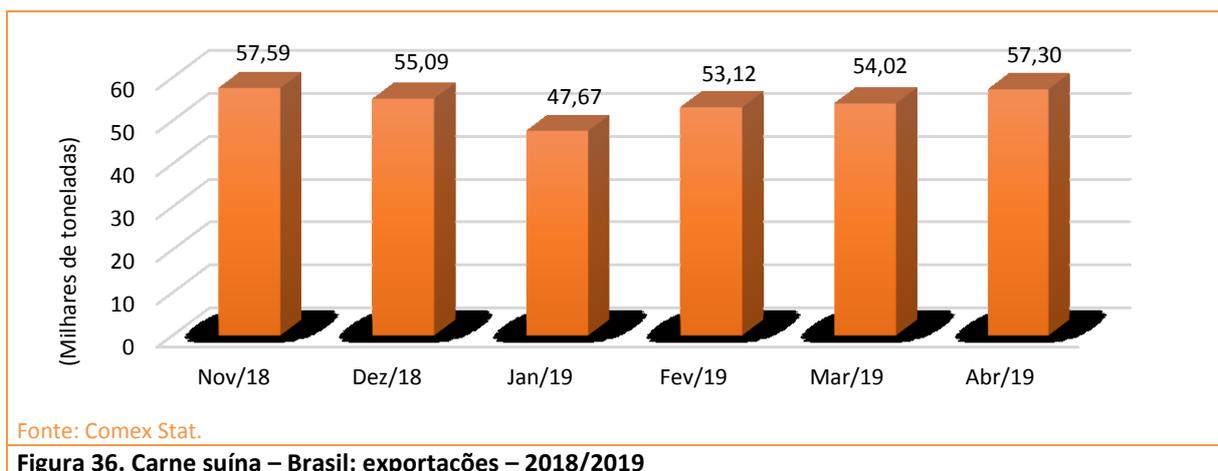
Por outro lado, quando se comparam os preços atuais com aqueles praticados em maio de 2018, todos os cinco cortes apresentam variações positivas bastante expressivas: lombo (21,90%), carcaça (13,85%), carré (12,11%), costela (10,70% e pernil (7,34%).

A figura 35 apresenta a evolução do preço médio estadual no atacado da carcaça suína desde novembro de 2018.



## Exportações

As exportações brasileiras de carne suína seguem com o movimento de alta, registrado deste fevereiro. Em abril, foram exportadas **57,30 mil toneladas** (*in natura*, industrializada e miúdos), aumento de **6,06%** em relação a março e de **44,77%** na comparação com abril de 2018.



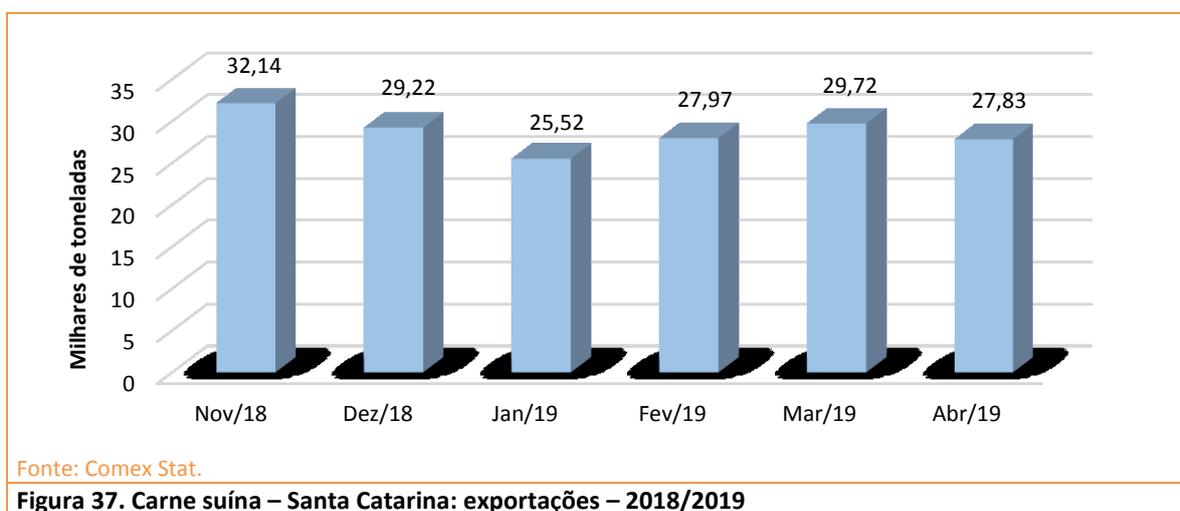
O faturamento de abril foi de **US\$ 118,78 milhões**, aumento de **12,41%** em relação ao mês anterior. Quando comparado a abril de 2018, o resultado é ainda mais expressivo, com aumento de **47,79%**.

Os cinco principais destinos da carne suína brasileira em março foram China, Hong Kong, Rússia, Uruguai e Cingapura, que responderam por 74,41% das receitas. China e Hong Kong foram responsáveis por 51,75% do valor exportado em carne suína pelo Brasil em abril, enquanto a Rússia respondeu por 9,32%.

No 1º quadrimestre o Brasil exportou **212,11 mil toneladas** de carne suína, volume **8,92%** superior ao mesmo período de 2018. Em termos de faturamento, o montante foi de **US\$ 414,12 milhões**, aumento de **3,80%** em relação ao ano anterior.

Conforme demonstra o balanço semanal divulgado pelo Ministério da Economia, a média diária de embarques de carne suína *in natura* aumentou nas duas primeiras semanas de maio (7 dias úteis), em relação ao mês anterior: 37,59% em valor e 34,04% em quantidade. Na comparação com maio de 2018, observa-se uma ampliação ainda mais significativa na média diária de embarques: 82,94% em valor e 66,92% em quantidade. Vale mencionar que em maio de 2018 ocorreu a paralisação de caminhoneiros e empresas de transporte, que afetou parcialmente os resultados daquele mês (embora os maiores impactos tenham sido sentidos nas exportações de junho).

No mês de abril, Santa Catarina exportou **27,83 mil toneladas** de carne suína, **queda de 6,35%** na comparação com o mês anterior, mas aumento de **36,35%** em relação a abril de 2018.



O faturamento foi de **US\$ 56,29 milhões**, **-2,75%** em relação a março, mas crescimento de **35,97%** na comparação com abril de 2018.

Santa Catarina foi responsável por **48,58%** da carne suína exportada pelo Brasil em abril.

No 1º quadrimestre, o estado exportou **111,04 mil** toneladas, crescimento de **22,07%** em relação ao mesmo período de 2018. O faturamento foi de **US\$ 213,76 milhões**, **15,26%** maior que no ano anterior.

Os cinco principais destinos das exportações catarinenses em abril, apresentados na tabela a seguir, foram responsáveis por 78,17% das receitas e 76,01% da quantidade embarcada.

**Tabela 17. Carne suína – Santa Catarina: principais destinos das exportações – abril/2019**

País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
China	25.665.349,00	12.201
Hong Kong	6.720.120,00	3.857
Chile	6.115.718,00	2.923
Rússia	3.176.205,00	1.202
Argentina	2.325.528,00	973
Demais países	12.287.266,00	6.679
<b>Total</b>	<b>56.290.186,00</b>	<b>27.835</b>

Fonte: Comex Stat.

Destaca-se o crescimento dos embarques para a China (48,32% em valor e 43,10% em quantidade) e Hong Kong (81,19% e 101,89%), situação provavelmente decorrente da crise na suinocultura chinesa. China e Hong Kong representaram mais de 57% das exportações catarinenses de carne suína em abril.

Também merece menção a ampliação dos embarques para a Rússia, após o fim do embargo que perdurou de dezembro de 2017 a novembro de 2018. Em abril, o mercado russo foi o 4º principal destino da carne suína catarinense.

Entre os dez principais importadores, as exceções são Chile (-6,44% em valor e -3,56% em quantidade) e Argentina (-40,84% e -38,04%). A queda das exportações para a Argentina tem relação com a crise que aquele país atravessa, o que prejudicou os embarques para esse importante parceiro comercial brasileiro.

Também apresentam quedas significativas as exportações para as Filipinas (-66,74% em valor e -52,36% em quantidade) e Angola (-75,86% e 53,26%), destinos tradicionais do suíno catarinense, mas que em abril ocuparam apenas a 16ª e 17ª colocação, respectivamente.

Apesar das perspectivas favoráveis para o mercado brasileiro advindas da crise chinesa, as principais empresas do setor mostram-se cautelosas quanto à realização de investimentos para aumentar a produção. Isso se deve, principalmente, ao fato da cadeia de produção de suínos ser relativamente longa e apresentar um tempo de resposta de 2 a 3 anos, a depender da mudança pretendida. O receio das empresas é que, uma vez que a China supere a crise sanitária, ocorra um excesso de oferta de carne suína.

Em razão disso, algumas têm apostado na carne de frango como forma de obtenção de proteína animal num prazo mais curto e com investimentos menores do que a carne suína necessita para a obtenção de resultados semelhantes. Conforme informado recentemente por uma das principais empresas do setor, uma simples alteração na programação dos abates de frangos poderia resultar em um aumento de 2% a 3% na produção de carne. Assim, é esperado que a cadeia de produção de frangos do Brasil também seja beneficiada pela crise chinesa, principalmente no curto prazo.

### **Peste suína africana na China**

Embora ainda haja muitas controvérsias e incertezas quanto à real amplitude do surto de peste suína africana (PSA) que atinge a China desde agosto de 2018, diversos analistas apostam em impactos bastantes expressivos. É o caso do Rabobank, que estima que o número de suínos mortos ou sacrificados em decorrência da PSA possa atingir o montante de 150 milhões a 200 milhões. Caso esse cenário se confirme, seria uma situação sem precedentes na história da pecuária mundial. Com isso, a produção chinesa cairia cerca de 30% em 2019 em relação ao ano passado, ampliando sensivelmente as importações de carnes e reduzindo a demanda de milho e soja, utilizados na produção de ração.

Tal projeção está alicerçada em avaliações de integrantes da cadeia produtiva suinícola, que afirmam que o avanço da peste suína é muito mais grave que o divulgado pelas autoridades chinesas. Até o início de maio, o governo chinês confirmou a ocorrência de 124 focos e afirmou que já havia abatido 1,01 milhão de suínos para controlar a doença.

Segundo algumas publicações especializadas, não está descartada a possibilidade de que a doença se transforme numa pandemia mundial. Já há relatos de casos registrados no Vietnã, Japão, Mongólia, Camboja e partes da Europa. Esse risco mobiliza os órgãos de vigilância sanitária dos principais países produtores, de forma a evitar a entrada do vírus em seus territórios.

Por enquanto, a estimativa mais recorrente é de que produção chinesa caia cerca de 20%. As últimas projeções do USDA (Departamento de Agricultura dos Estados Unidos) indicam que a China deve aumentar suas importações de carne suína em 33% este ano em relação ao anterior, com o volume total podendo chegar a 2 milhões de toneladas.

## Leite

Tabajara Marcondes  
 Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa  
[tabajara@epagri.sc.gov.br](mailto:tabajara@epagri.sc.gov.br)

Nesse mês de maio, o IBGE divulgou números preliminares da sua Pesquisa Trimestral do Leite (PTL), que informa a quantidade de leite recebida pelas indústrias inspecionadas no primeiro trimestre de 2019, por enquanto apenas em âmbito de País. Esses dados preliminares mostram que a quantidade recebida foi 2,81% maior que a do primeiro trimestre de 2018. O aumento deve ser ainda maior quando houver o fechamento dos dados do segundo trimestre/primeiro semestre do ano, já que a paralisação dos caminhoneiros comprometeu seriamente a captação de leite por vários dias em maio de 2018.

**Tabela 18. Leite cru – Brasil: quantidade adquirida pelas indústrias inspecionadas – 2017-2019**

Mês	Bilhão de litros			Variação (%)	
	2017	2018	2019	2017-18	2018-19
Janeiro	2,101	2,159		2,76	
Fevereiro	1,833	1,888		3,00	
Março	1,928	1,966		1,97	
<b>1º trimestre</b>	<b>5,862</b>	<b>6,013</b>	<b>6,182</b>	<b>2,58</b>	<b>2,81</b>
Abril	1,812	1,873		3,37	
Maio	1,907	1,734		-9,07	
Junho	1,929	1,872		-2,95	
Julho	2,058	2,036		-1,07	
Agosto	2,118	2,119		0,05	
Setembro	2,103	2,100		-0,14	
Outubro	2,141	2,222		3,78	
Novembro	2,154	2,210		2,60	
Dezembro	2,250	2,271		0,93	
<b>Total anual</b>	<b>24,334</b>	<b>24,450</b>		<b>0,48</b>	

2018 e 2019 - Dados preliminares.

Fonte: IBGE - Pesquisa Trimestral do Leite.

Brevemente o IBGE deve divulgar os mesmos dados, discriminados por mês e por unidade da federação. Isto deve mostrar que esse crescimento na oferta nacional é decorrente de comportamentos bastante diferenciados nos estados, como mostram as séries históricas (Tabela abaixo). Em relação a isto, destaca-se que a quantidade de leite recebida pelas indústrias dos estados nem sempre apresenta o mesmo comportamento da produção estadual. No caso de Santa Catarina, por exemplo, embora pela PTL/IBGE tenha havido decréscimo de 2017 para 2018, os levantamentos da Epagri/Cepa junto às indústrias indicam que a produção de 2018 foi sensivelmente maior que a de 2017. Mesmo com redução, o estado continuou na 5ª posição e respondeu por 11,1% da quantidade de leite recebida pelas indústrias inspecionadas do País. É pequena a diferença para São Paulo (4ª posição), cujas indústrias tradicionalmente compram muito leite cru resfriado de outras unidades da federação, o que explica o fato da quantidade de leite recebida pelas indústrias ser muito superior à produção paulista.

Embora menor que os 6,189 bilhões de litros adquiridos no primeiro trimestre de 2014, esses 6,182 bilhões de litros do primeiro trimestre indicam a possibilidade que em 2019 seja superado o recorde de 24,747 bilhões de litros adquiridos pelas indústrias inspecionadas em 2014.

**Tabela 19. Leite cru – Brasil: quantidade adquirida pelas indústrias inspecionadas – 2014-2018**

UF	Bilhão de litros					Variação (%)	
	2014	2015	2016	2017	2018	2017-18	2014-18
MG	6,590	6,442	6,106	5,990	6,072	1,37	-7,86
RS	3,431	3,488	3,250	3,426	3,388	-1,11	-1,25
PR	2,972	2,838	2,744	2,935	3,092	5,35	4,04
SP	2,525	2,607	2,559	2,872	2,727	-5,05	8,00
SC	2,340	2,348	2,438	2,758	2,719	-1,41	16,20
GO	2,685	2,450	2,313	2,465	2,524	2,39	-6,00
RO	0,760	0,699	0,700	0,699	0,659	-5,72	-13,29
RJ	0,512	0,540	0,558	0,599	0,537	-10,35	4,88
MT	0,618	0,548	0,522	0,528	0,522	-1,14	-15,53
BA	0,364	0,332	0,320	0,361	0,428	18,56	17,58
Subtotal	22,797	22,292	21,510	22,633	22,668	0,15	-0,57
Outros	1,950	1,770	1,660	1,701	1,782	4,76	-8,62
<b>Brasil</b>	<b>24,747</b>	<b>24,062</b>	<b>23,170</b>	<b>24,334</b>	<b>24,450</b>	<b>0,48</b>	<b>-1,20</b>

2018 - Dados preliminares.

Fonte: IBGE - Pesquisa Trimestral do Leite.

Mesmo com esse crescimento de oferta, em boa parte dos primeiros meses de 2019 as indústrias lácteas conseguiram condições razoáveis de negociação/preços com o varejo, o que acirrou a concorrência pela compra de leite, repercutindo positivamente nos preços recebidos pelos produtores.

**Tabela 20. Leite – Santa Catarina: preço médio<sup>(1)</sup> aos produtores – 2016-19**

Mês	R\$/l posto na propriedade				Variação %	
	2016	2017	2018	2019	2017-18	2018-19
Janeiro	0,91	1,10	0,94	1,10	-14,5	17,0
Fevereiro	0,95	1,20	0,94	1,17	-21,7	24,5
Março	1,02	1,25	0,96	1,26	-23,2	31,3
Abril	1,07	1,28	1,01	1,28	-21,1	26,7
Maio	1,11	1,29	1,09	1,31(1)	-15,5	20,2
Junho	1,19	1,29	1,14		-11,6	
Julho	1,29	1,25	1,30		4,0	
Agosto	1,52	1,13	1,35		19,5	
Setembro	1,41	0,99	1,31		32,3	
Outubro	1,24	0,91	1,28		40,7	
Novembro	1,10	0,92	1,24		34,8	
Dezembro	1,08	0,95	1,11		16,8	
<b>Média anual</b>	<b>1,16</b>	<b>1,13</b>	<b>1,14</b>		<b>0,8</b>	

<sup>(1)</sup>Preço médio mais comum no período de pagamento. O preço de maio/2019 é estimativa.

Fonte: Epagri/Cepa.

Nas duas últimas reuniões do Conseleite/SC (março e abril) houve indicações que a conjuntura de mercado estaria mudando, o que se intensificou ainda mais no transcorrer da primeira quinzena de maio. As negociações das indústrias com o varejo foram mais difíceis e as compras mais limitadas do que as de março e abril. O cenário mais provável é de mudanças ainda mais significativas a partir de junho.

**Tabela 21. Leite padrão – Santa Catarina: preços de referência do Conseleite/SC – 2016-19**

Mês	R\$/litro na propriedade com Funrural incluso				Variação %	
	2016	2017	2018	2019	2018/17	2019/18
Janeiro	0,9546	1,0783	0,9695	1,1659	-10,1	20,3
Fevereiro	1,0154	1,1096	1,0128	1,2309	-8,7	21,5
Março	1,0652	1,1412	1,0857	1,1957	-4,9	10,1
Abril	1,1166	1,1693	1,1295	1,2121	-3,4	7,3
Mai	1,1430	1,1733	1,1522		-1,8	
Junho	1,3363	1,1394	1,3454		18,1	
Julho	1,5500	1,0617	1,4050		32,3	
Agosto	1,3248	1,0189	1,2997		27,6	
Setembro	1,1051	0,9374	1,2582		34,2	
Outubro	1,0461	0,9550	1,2351		29,3	
Novembro	0,9993	0,9977	1,1358		13,8	
Dezembro	1,0333	0,9788	1,1228		14,7	
<b>Média</b>	<b>1,1408</b>	<b>1,0634</b>	<b>1,1793</b>		<b>10,9</b>	

Abril/2019: Valor projetado.

Fonte: Conseleite/SC